

CADERNOS

DO IEB

9

A ESTADA EM PERNAMBUCO, EM 1666, DE FRANÇOIS DE LOPIS, MARQUÊS DE MONDEVERGUE, SEGUNDO O RELATO DE SOUCHU DE RENNEFORT (1688)

HABITANTES, COSTUMES, ESCRAVIDÃO, TAPUIAS,
COMÉRCIO, ANIMAIS E FRUTOS, E A CONJURAÇÃO
CONTRA JERÔNIMO DE MENDONÇA FURTADO



Nelson Papavero
Argus Vasconcelos de Almeida
Dante Martins Teixeira

DOI 10.11606/9788586748127

Nelson Papavero
Argus Vasconcelos de Almeida
Dante Martins Teixeira

**A ESTADA EM PERNAMBUCO, EM 1666,
DE FRANÇOIS DE LOPIS, MARQUÊS DE MONDEVERGUE,
SEGUNDO O RELATO DE SOUCHU DE RENNEFORT (1688)**

Habitantes, costumes, escravidão, tapuias,
comércio, animais e frutos, e a conjuração
contra Jerônimo de Mendonça Furtado

São Paulo
Instituto de Estudos Brasileiros
IEB-USP
2016



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR Prof. Dr. Marco Antonio Zago
VICE-REITOR Prof. Dr. Vahan Agopyan



INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

DIRETORA Prof.ª Dr.ª Sandra Margarida Nitrini
VICE-DIRETOR Prof. Dr. Paulo Teixeira Lumatti

TÍTULO A estada em Pernambuco, em 1666, de François de Lopis, marquês de Mondevergue, segundo o relato de Souchu de Rennefort (1688)

SUBTÍTULO Habitantes, costumes, escravidão, tapuias, comércio, animais e frutos, e a conjuração contra Jerônimo de Mendonça Furtado

AUTORES Nelson Papavero
Argus Vasconcelos de Almeida
Dante Martins Teixeira

PRODUÇÃO **DIVISÃO CIENTÍFICO-CULTURAL**

CHEFE TÉCNICA DA DIVISÃO CIENTÍFICO-CULTURAL Pérola Ramira Ciccone

CHEFE DE SERVIÇO DA DIFUSÃO CULTURAL Regina Mayumi Aga

PROJETO GRÁFICO Eduardo Junqueira e Karine Tressler

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Eduardo Junqueira

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS Cleusa Conte Machado

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Flávio Machado

DIVULGAÇÃO Difusão Cultural

CADERNOS

DO IEB

9

A ESTADA EM PERNAMBUCO, EM 1666, DE FRANÇOIS DE LOPIS, MARQUÊS DE MONDEVERGUE, SEGUNDO O RELATO DE SOUCHU DE RENNEFORT (1688)

HABITANTES, COSTUMES, ESCRAVIDÃO, TAPUIAS,
COMÉRCIO, ANIMAIS E FRUTOS, E A CONJURAÇÃO
CONTRA JERÔNIMO DE MENDONÇA FURTADO



Nelson Papavero
Argus Vasconcelos de Almeida
Dante Martins Teixeira

Copyright © 2016 by Instituto de Estudos Brasileiros - USP

A consulta a este documento fica condicionada à aceitação das seguintes condições de uso:

Este trabalho é somente para uso privado de atividades de pesquisa e ensino. Não é autorizada sua reprodução para quaisquer fins lucrativos. Esta reserva de direitos abrange todos os dados do documento bem como seu conteúdo. Na utilização ou citação de partes do documento é obrigatório mencionar o nome da pessoa autora do trabalho.

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

P213e

Papavero, Nelson

A estada em Pernambuco, em 1666, de François de Lopis, marquês de Mondevergue, segundo o relato de Souchu de Rennefort (1688) : habitantes, costumes, escravidão, tapuias, comércio, animais e frutos, e a conjuração contra Jerônimo de Mendonça Furtado / Nelson Papavero, Argus Vasconcelos de Almeida, Dante Martins Teixeira - São Paulo : Instituto de Estudos Brasileiros, 2016.

70 p. (Cadernos do IEB, ISSN 2525-5959 ; v.9 , 2016)

Bibliografia.

ISBN 978-85-86748-12-7

DOI 10.11606/9788586748127

1. Pernambuco - Descrição e viagens - Século 17 2. História do Brasil - Século 17 - Pernambuco I. Almeida, Argus Vasconcelos de II. Teixeira, Dante Martins III. Título

CDD 981.224

DIREITOS RESERVADOS A

Instituto de Estudos Brasileiros – IEB-USP
Edifício Brasiliana, Praça do Relógio Solar, 342
Cidade Universitária - CEP: 05508-115
São Paulo - SP, Brasil
Difusão Cultural: Tel. (11) 3091-1149
www.ieb.usp.br – e-mail: difusieb@usp.br

CADERNOS

DO IEB

9

A ESTADA EM PERNAMBUCO, EM 1666, DE FRANÇOIS DE LOPIS, MARQUÊS DE MONDEVERGUE, SEGUNDO O RELATO DE SOUCHU DE RENNEFORT (1688)

HABITANTES, COSTUMES, ESCRAVIDÃO, TAPUIAS,
COMÉRCIO, ANIMAIS E FRUTOS, E A CONJURAÇÃO
CONTRA JERÔNIMO DE MENDONÇA FURTADO



Nelson Papavero
Argus Vasconcelos de Almeida
Dante Martins Teixeira

SUMÁRIO

Cadernos do IEB	10
Apresentação	11
O RELATO	
Tradução	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
ANEXO I – Texto original de Souchu de Rennefort (1688) referente à estada do marquês de Mondevergue no Recife	41
ANEXO II – Representação de Jerônimo de Mendonça Furtado a Sua Majestade	53
ANEXO III – Relato do barroco Sebastião da Rocha Pitta (1730, p. 371-374) 60 anos depois da prisão de Xumbergas	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

CADERNOS DO IEB

Iniciada em 1997, a série *Cadernos do IEB* tem como proposta a divulgação da produção intelectual do Instituto de Estudos Brasileiros, resultado de projetos e estudos desenvolvidos por docentes, pesquisadores e discentes.

A série *Cadernos do IEB*, até o presente momento, conta com as seguintes publicações:

PORRO, Antonio. *Dicionário etno-histórico da Amazônia colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2007.

CARVALHO, Gilmar de. *Desenho gráfico popular: catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte – Ceará*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2000.

FURTADO, Joaci Pereira (coord.). *O viver em colônia: cultura e sociedade no Brasil colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1999.

FURTADO, Joaci Pereira (coord.). *Antônio Vieira: o imperador do púlpito*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília Ferraz de Castro (coord.). *Conversa de educadores: catálogo analítico da correspondência entre Abgar Renault e Fernando de Azevedo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1999.

PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins. *Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1667-1703): habitantes, costumes, escravidão, comércio, matéria médica, flora e fauna do Brasil seiscentista*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2015.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti et al. (org.). *Culturas e identidades brasileiras*. Encontro de Pós-graduandos do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2016.

HANSEN, João Adolfo; MOREIRA, Marcello (Coord.). *Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora, que pregou o R. Padre Antônio de Sá da Companhia de Iesu(s) na Igreja Matriz do Recife de Pernambuco. Ano de 1658*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2016.

A série *Cadernos do IEB* está disponível, a partir da sexta edição, no Portal de Livros Abertos da USP.

APRESENTAÇÃO

SOBRE OS AUTORES

NELSON PAPAVERO

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Pesquisador sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

ARGUS VASCONCELOS DE ALMEIDA

Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

DANTE MARTINS TEIXEIRA

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Durante o reinado de Luís XIV, sob instância do todo-poderoso ministro Jean Baptiste Colbert, fundou-se na França, a 27 de agosto de 1664, uma Companhia das Índias Orientais (Compagnie Française – ou Royale – des Indes Orientales)¹, a exemplo do que já haviam feito os Estados da Holanda e a Inglaterra. A ilha de Madagascar foi escolhida como o entreposto da navegação dos navios da Companhia e o centro de seu comércio com as Índias.

Em 14 de março de 1666 uma segunda e portentosa frota partia de La Rochelle para Madagascar e as Índias. Compunham a flotilha quatro navios (Le Saint-Jean Baptiste, La Marie, Le Terron, Le Saint-Charles), duas fragatas (La Mazarine, La Duchesse), quatro urcas² (Le Saint-Denis, Le Saint-Jean, Le Saint-Luc, Le Saint-Robert). Toda a frota estava sob o comando de François de Lopo, marquês de Mondevergue, investido pelo rei como “Amiral et Lieutenant Général pour commander les Places et Vaisseaux français au-delà de la Ligne équinoxiale”. Era, portanto, uma espécie de vice-rei das Índias³. A frota devia ser comboiada até fora dos mares europeus por quatro navios reais (Le Rubis, comandado pelo cavaleiro de La Roche; Le Beaufort, comandado pelo cavaleiro d’Humières; Le Mercoeur, comandado pelo “sieur” de Turelle; L’Infant, comandado pelo “sieur” de Kérouin), todos sob as ordens do cavaleiro de La Roche, chefe da esquadra. Essas quatro naveas regressaram à França a 21 de março.

Além das tripulações e dos oficiais, o conjunto dessas naveas transportava Urbain Souchu de Rennefort, secretário do Conselho da Companhia, que publicaria o relato dessa expedição (Souchu de Rennefort, 1688a, 1688b, 1701)⁴, o holandês Caron (que

1. Originalmente Compagnie pour le Commerce des Indes Orientales (cf. [Louis XIV], 1665). Existe farta literatura sobre a Companhia. Ver, entre outras, as obras de Doneaud Du Plan (1889), Montagne (1899), Sottas (1905) e Weber (1904) e o artigo de Ames (1990).
2. *Urcas* (em neerlandês: *hulk*) é um tipo de navio utilizado durante os séculos XV, XVI e XVII, típico dos Países Baixos. Semelhante à *coca*, foi a predecessora da *carraca* e da *caravela*.
3. Mondevergue teria, entretanto, um triste fim, como assinalado por Rochon (1791, p. 84): “*Le Marquis de Mondevergue, auquel on avoit laissé le choix de rester Gouverneur de Madagascar ou de s’en retourner en France, prit le dernier parti: il s’embarqua sur la Marie, ao mois de Février 1671. A son arrivée au Port-Louis, il trouva un Commissaire chargé de lui faire rendre compte de son administration: la compagnie étoit très courroucée contre lui. La Haye, avec lequel il étoit brouillé, l’avoit calomnié, et lui avoit rendu les plus mauvais offices. Quoique la voix publique fut en faveur de Mondevergue, ce brave officier, qui avoit gouverné avec sagesse, et rétabli la paix à Madagascar, succomba sous le poids du crédit de son adversaire; il mourut prisonnier au château de Saumur*” (“O marquês de Mondevergue, a quem se deixara a escolha de permanecer como governador de Madagascar ou regressar à França, tomou este último partido; embarcou na La Marie, no mês de fevereiro de 1671. À sua chegada em Port-Louis, encontrou um comissário encarregado de fazê-lo prestar contas de sua administração; a companhia [das Índias Orientais] estava muito enfurecida contra ele. [Jacob Blanque de] La Haye, com o qual ele se indisputara, caluniou-o, imputando-lhe as piores funções. Apesar de a opinião pública estar a favor de Mondevergue, esse bravo oficial, que havia governado com sabedoria e restabelecido a paz em Madagascar, sucumbiu sob o peso do prestígio de La Haye; morreu prisioneiro no castelo de Saumur [a 23 de janeiro de 1672]”).
4. Essa obra e os escritos dos capuchinhos Martin de Nantes (1888), Dionigi Carli da Piacenza, Michelangelo Guattini da Reggio, Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo, Gioralano Merolla da Sorrento e Antonio Zucchelli da Gradisca (cf. Papavero & Teixeira, 2015) são os poucos testemunhos conhecidos que temos sobre

já havia servido na Companhia Holandesa das Índias Orientais) e o francês de Faye, como diretores do comércio; o “sieur” d’Epinay, procurador-geral do Conselho das Índias; quatro companhias de infantaria e seus oficiais; oito comerciantes (quatro franceses e quatro holandeses); dez chefes de colônia com seus empregados; 32 mulheres e algumas crianças. Ao todo, duas mil pessoas, incluída a tripulação.

A empresa custou 2,1 milhões de libras, das quais 1,1 milhão em mercadorias e prata em barras ou em reais espanhóis.

Mondevergue deveria ficar em Madagascar, enquanto Caron tinha a missão de apenas tocar para Fort-Dauphin⁵ e ganhar imediatamente as Índias para ali estabelecer agências da Companhia. De Faye, após haver arribado em Bourbon com seus quatro navios, deveria estabelecer um centro de colonização em Galemboule, no lado leste de Madagascar, para posteriormente unir-se a Caron, que o deixaria à testa dos estabelecimentos que teria fundado, para ganhar a China e ali estabelecer novas agências.

A frota de Mondevergue, deixando La Rochelle, navegou bem agrupada, para poder, em caso de ataque, resistir aos ingleses, contra os quais a França estava em guerra. Chegando às Canárias, ali parou por breve tempo para adquirir uma fragata, La Notre-Dame-de-Paix, carregada de vinho, retomando depois sua rota.

Em meio à calmaria da linha equinocial, o Terron começou a fazer água e foi considerado inadequado para continuar a viagem e dobrar o Cabo da Boa Esperança no estado em que se encontrava. Tal circunstância, aliada à escassez de víveres, obrigou Mondevergue a ganhar o mais rápido possível a costa do Brasil (Pernambuco), aonde chegou a 25 de julho, permanecendo no Recife até o dia 2 de novembro.

Mondevergue só chegou a Fort-Dauphin em 10 de março de 1667, após haver feito uma escala para deixar cinco mulheres na ilha de Bourbon⁶, durando a viagem até ali quase um ano todo.

⁵ o Nordeste brasileiro seiscentista posterior à invasão holandesa.

5. Fort-Dauphin, ou Taolagnaro, na costa meridional de Madagascar.

6. Atual ilha da Reunião.

TRADUÇÃO DO RELATO DE URBAIN SOUCHU DE RENNEFORT (1688, 1701) SOBRE A ESTADA DO MARQUÊS DE MONDEVERGUE EM PERNAMBUCO⁷

“CAPÍTULO III. PARTIDA DA ILHA DE TENERIFE, ROTA ATÉ O BRASIL.

No décimo quarto dia de maio [de 1666] o almirante fez sinal aos outros navios para que se preparassem para partir no dia seguinte, no início do dia. Passaram todos entre Tenerife, Grande Canária e Gomera. No vigésimo sétimo pela manhã percebeu-se que a ilha do Sal, uma das Hespérides, ou do Cabo-Verde, ficara para trás. Ela é muito longa. Suas terras baixas só eram habitadas por alguns pastores portugueses que criavam cabritos. A dezoito de junho um raio caiu sobre o grande mastro da nave Saint-Charles, atingindo-o ao meio, desde o primeiro cesto da gávea até uma braça acima da coberta. Acharam-se peixes-voadores assados no buraco feito em virtude desse meteoro. No vigésimo quinto dia de maio surgiu o Cabo de Palmas, que fica na costa da Guiné, apesar de, pelas estimativas dos pilotos, estarmos a mais de cem léguas de distância. Eles nos asseguraram que grandes marés desconhecidas nos haviam levado em direção ao oriente e na longitude dos condutores da navegação. A frota estaria inevitavelmente perdida se tivesse se aproximado da terra em plena noite. Feita a sondagem, encontraram-se trinta e cinco braças de fundo. Pusemo-nos ao largo e, no dia seguinte, o vigésimo sexto, ainda nos vimos muito próximos da terra. Essa costa é bastante plana e cheia de árvores. No dia vinte e sete as âncoras de todas as naves foram içadas porque a almirante foi obrigada a deixar suas velas ao vento – ela havia sido forçada a metê-las, visto que seu cabo havia sido rompido por uma rocha a quinze braças da âncora. Apesar de ela não ter dado o sinal de partida, todos passaram a navegar, estando prontos.

A quatro de julho passou-se a linha equinocial e, para evitar a cerimônia do batismo e algum folguedo nas naves, cujo mau estado e péssimas provisões tinham tornado mais da metade da tripulação e dos passageiros enferma, deram-se algumas peças de oitava⁸ aos marinheiros. Mais tarde, nesse mesmo dia, estando a frota a

7. Carvalho (1908) já traduzira os capítulos IV a VII (apenas o início deste) do livro de Souchu de Rennefort. Neste livro apresentamos outra tradução, amplamente comentada em notas de rodapé.

8. *Piece de huit* no original. Também chamada *piastre d'argent* em francês, *real de a ocho ou peso* em espanhol, era uma moeda de prata com aproximadamente 38 mm de diâmetro, com o valor de oito *reales*, cunhada pelo Império Espanhol depois de 1598, para alinhar-se com o *thaler*; a moeda continental do Sacro Império ligado aos Habsburgos, que então reinavam sobre um vasto território. Ela valia 272 *maravedís*, mas em 1642 foi reavaliada em 340 *maravedís*. A peça de oitava foi amplamente utilizada internacionalmente para as transações comerciais, sobretudo graças à potência representada pela Espanha e sua exploração das ricas minas de prata sul-americanas.

meio grau da linha equinocial em direção ao sul, o senhor de Mondevergue mandou arvorar o pavilhão quadrado no mastro principal da nave S.-Jean e disparar onze tiros de canhão. As outras a saudaram e a reconheceram como almirante da França além do equador.

As calmarias que geralmente prevalecem na zona tórrida, que fizeram languescer essa frota por algum tempo, causam todos os males das navegações entre os trópicos. As bebidas e os víveres ali se corrompem; os corpos se extenuam pelo longo uso de carnes acres, das quais não nos podemos eximir pela falta de vento para passar esses climas com a mesma diligência com a qual se navega na zona temperada. O incômodo e o grande perigo das viagens, somados à inexperiência daqueles que organizam as tripulações e as provisões, são causados pela distância entre as paradas.

No dia 7 os diretores e todos os oficiais, reunidos pelo senhor almirante, chegaram à conclusão de que o Terron e a Paix buscariam o Brasil para serem calafetados, e o resto da frota continuaria sua rota até o Cabo da Boa Esperança. No dia 13 essa deliberação foi alterada e conveio-se que toda a frota, cuja tripulação estava demasiado enfraquecida para manobrar durante uma navegação tão longa, ancoraria no Brasil defronte de Pernambuco [Recife] para ser restaurada. No dia 21 ela chegou à vista daquela terra, na altura do Cabo de Santo Agostinho, que não é muito elevado e tem aparência arredondada, com árvores muito altas e uma pequena capela⁹, semelhante, do lado do ocidente, a uma montanha em forma de ferradura.

A urca S.-Jacques, uma das duas que haviam partido da França, antes desta frota, para a ilha Dauphine, que se havia desgarrado da urca S.-Louis, sua conserva, estava ancorada nesse lugar. Os diretores, pasmos com sua má navegação e porque o capitão, longe de terminar a viagem, negociava carregá-la com açúcar para Lisboa, fizeram um informe de sua conduta e tiraram-lhe o comando.

9. “Na passagem que fizemos em frente da Senhora de Nazaré, saudamo-la todos com a Ave-Maria e com muitos tiros de canhão. Esta é uma igreja distante cinco milhas da cidade de Pernambuco [Recife], por cujo lugar – antes que essa igreja fosse erguida – passava o Senhor Francisco Brito (Grande de Portugal), devotíssimo da Beata Virgem, cujo rosário rezava ao passear. Encontrou uma pobre mulher vestida de branco, com um menininho ao colo, que lhe pediu humildemente uma esmola. Este, pondo a mão na bolsa, deu-lhe um ducado. Em tal ato de dar e receber, miraram-se mutuamente no rosto e Brito prosseguiu seu caminho. Pouco adiante, quase enlevado ocultamente por aquele único olhar, virava-se frequentemente para gozar a visão daquela que lhe havia atingido o coração, mas nem sempre em vão, pois não pôde ver mais a bela mendiga – se bem que naquele trecho do campo não houvesse onde se esconder, nem empecilho à vista. Ficando, portanto, totalmente ansioso e anelante, regressou ao lugar onde havia deixado o dinheiro e o pensamento. Ali chegando, só encontrou duas pegadas impressas na terra e por esse milagroso acidente percebeu que a pobre era Maria sempre Virgem, que com a divindade de seus olhos lhe havia incinerado o coração e com sua beleza paradisíaca lhe havia furtado a alma, não podendo mais – pela extrema alegria – o coração reavivar o espírito, nem o espírito reavivar o coração – e penava deliciosamente em uma agonia de suavíssima morte. Por causa disso, em memória de aparecimento tão gracioso e de tão milagrosa graça, logo erigiu ali uma memorável igreja às glórias da Santíssima Virgem, dotada, mantida e oficiada conforme bondade e esplendor desse ilustre cavaleiro” (Dionigi Carli da Piacenza & Michelangelo Guattini da Reggio, 1671, 1672; Michelangelo Guattini da Reggio & Dionigi Carli da Piacenza, 1674, 1680, 1997, 2006; tradução de Papavero & Teixeira, 2015, p. 51-52).

CAPÍTULO IV. CHEGADA DO SENHOR DE MONDEVERGUE AO BRASIL. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE PERNAMBUCO [RECIFE].

O Governador de Pernambuco¹⁰ foi cumprimentado por um oficial francês e enviou um capitão português e seu capelão para oferecerem ao senhor de Mondevergue todos os refrescos que fossem necessários para suas naves¹¹. Estavam ainda com as

10. Nesta e nas transcrições seguintes, foi mantida a grafia original dos documentos. Jerônimo de Mendonça Furtado foi governador da Capitania de Pernambuco de 1664 a 1666. Segundo Garcia (1939, p. 113-114): “Jerônimo de Mendonça Furtado, cavaleiro de Malta não professo, serviu na guerra do Alentejo, foi capitão de cavalo e mestre de campo de um dos terços da guarnição de Lisboa, achou-se como particular na batalha do Canal, e sendo mandado com a nova a El-rei D. Afonso VI, recebeu de alviçaras o governo de Pernambuco. Foi o sexto governador e capitão general da capitania, na série estabelecida depois de restaurada do poder dos holandeses, empossou-se em 5 de Março de 1664, recebendo o bastão das mãos de Francisco de Brito Freire. Não se apura se trouxera do reino o apelido de *Xumbergas* ou *Uxumbergas*, ou o ganhara na colônia, hipótese mais provável; certo é que o devia à maneira por que entufava os bigodes a Schomberg, que combateu em vários exércitos da Europa ocidental e, sendo marechal de França, veio com licença de Luiz XIV servir no exército português em 1660, na guerra da Restauração. Esses bigodes em tufos tiveram então extraordinária voga, como demonstram as gravuras da época. As barbas a Cavaignac e a Boulenger, que foram modas universais no último século, ainda hoje persistem em muitas caras extravagantes. Não teriam, evidentemente, menor aceitação os fartos bigodes a Schomberg, de suprema elegância em seu tempo. De Portugal a moda passaria à colônia na pessoa do governador Mendonça Furtado; com o desagrado em que este caiu nos dois anos e pico de seu governo em Pernambuco, o designativo, com ligeira alteração fonética, aderiu à sua personalidade, criando a alcunha tristemente famosa com que passou à história”. Essa alcunha passou, no uso popular, a denotar coisas ruins, ordinárias, reles, de péssima qualidade, ou pessoas e coisas destituídas de bom gosto. Aplica-se no Brasil como nome popular de três peixes – o cangauá (*Ctenosciaena gracilicirrhus*, Sciaenidae) e as duas espécies de xareletes (*Carangoides crysos* e *Caranx latus*, Carangidae). Em Pernambuco, o apodo de Xumbergas daria origem ao verbo “xumbergar” ou “xumbregar” (ou ainda o até hoje usado “xambregar”), que inicialmente teve o sentido de embriagar-se e depois veio a adquirir o de bolinar, ganhar ou “sarrar”, sem que se saiba, contudo, que o governador fosse afeito a qualquer dessas práticas (Mello, 1995).
11. A 12 de fevereiro de 1666, o rei de Portugal, D. Afonso VI, enviava a Jerônimo de Mendonça ordem “Sobre se dar todo o favor aos navios estrangeiros dos reys amigos, quando nam venhão de proposito commerciar – Jeronymo de Mendonça. Eu El Rey vos envio muito saudar. Havendo mandado ver o que me escrevestes em vinte e um de Novembro do anno passado, dando-me conta da arribada, que fez ao Porto d’essa Capitania o Navio Francez chamado Santiago, de que é Capitão Romam Furaques, que fazia viagem por conta da Companhia Oriental de França com um avizo a Ilha de Sam Lourenço, e que vos mandasse declarar a forma, em que deveis proceder com o dito Navio. Me pareceu dizer-vos que a semelhantes Embarcações, sendo de Reys amigos, e considerados com esta coroa, quando nam vam de propozito commerciar se lhe deve dar todo o favor, e ajuda para seguirem suas viagens, e o mesmo ordenareis que se faça a este Navio de El Rey Christianissimo na forma de minhas Ordens. Escripita em Lisboa a 12 de Fevereiro de 1666 == Rey ==” (Anônimo, 1908, p. 220). De acordo com Souchu de Rennefort (1688a, p. 164), em julho de 1665, duas urcas haviam partido de Le Havre com destino a Madagascar – a Saint-Louis, comandada por um “sieur” Pavie, e a Saint-Jacques (“a Santiago mencionada acima na ordem de Afonso VI), comandada pelo “sieur” de la Picardièere. Após oito dias de navegação, a Saint-Louis foi abordada por um grande navio pirata belga de Ostende, cujo capitão conhecia Pavie e deixou a nave prosseguir ilesa; a Saint-Jacques, crendo que a Saint-Louis fora apresada, afastou-se dessa sua conserva e “não mais se encontraram”. Esse autor nada mais menciona sobre a Saint-Jacques, senão posteriormente, que ela fora novamente encontrada no Recife pela frota de Mondevergue (Souchu de Rennefort, 1688a, p. 198). Quanto ao nome do capitão citado na ordem real (“Furaques”) nada conseguimos encontrar.

velas postas, procurando meter-se em boa ancoragem¹². Pararam e saudaram o forte dos portugueses, que retribuiu tiro por tiro.

A 26 de julho o governador deu à frota vinte e quatro bois, seis porcos, doze caixas de açúcar, vinte e quatro pequenos barris de doces, trezentos cocos e uma quantidade de laranjas e limões, tudo estimado em mil escudos.

No dia 28, o senhor de Mondevergue, acompanhado dos 'sieurs' de Faye e Caron e de quase todos os principais franceses, meteu-se numa chalupa para descer à terra, e o governador partiu na sua, seguido de seis outras, repletas com a nobreza portuguesa; entretentes, as naves mantinham alto o seu pavilhão, e os fortes saudavam com o pavilhão baixo. As chalupas dos dois generais se encontraram, e o senhor de Mondevergue passou para a do governador, que estava ajazada de veludo verde com franjas de ouro. Eles pegaram nas proximidades o senhor Andrade, fidalgo português que se ocupava dos negócios franceses no Brasil, e o senhor Dandron, capitão dos guardas do senhor de Mondevergue; os outros os seguiram nas chalupas em que haviam embarcado. Chegados todos à terra, formaram um grande séquito ao redor do senhor de Mondevergue, que foi conduzido pelo governador através de Pernambuco, entre duas alas de burgueses em armas, até seu palácio, que fica numa pequena ilha, onde um jantar fora magnificamente preparado. Puseram-se à mesa cinco franceses e cinco portugueses. À noite, o governador, tendo levado o senhor de Mondevergue ao mais belo aposento, ofereceu-lhe uma ceia servida por seus oficiais, precedida de uma quantidade de tochas e trombetas¹³. Esse palácio¹⁴ fora outrora do príncipe Maurício de Nassau, que o havia construído ao tempo em que fora o General do Brasil para os

-
12. "Porque estava autorizado pela ordem real, que acabava de chegar-lhe as mãos, o governador [Jerônimo de Mendonça Furtado] devia dar aos navios franceses o apresto e socorros que requeressem; mas antes, obrando 'com tal cautela e advertência que sendo recebimento de amigos houvesse preocupação como para inimigos', fez convocar com bandos, editais e cartas as Câmaras das Vilas da Capitania, e pessoas nobres e principais dela, para que a praça se achasse com mais gente. Como toda a costa do Brasil estivesse inquieta com o aparecimento daqueles navios, depois de tê-lo participado ao Vice-Rei do Estado [do Brasil], providenciou para serem reforçadas as guarnições dos fortes e mantidas rondas contínuas de noite e de dia desde o forte de Brum até a Barreta, onde, por ser fácil a entrada, mandou pôr companhias de guardas, com sucessivas sentinelas, para que se pudesse acudir com ajuda do forte das Cinco Pontas, que ficava próximo, guarnecendo do mesmo modo a plataforma e a ponte do Recife, com tal disposição que não era possível passar da costa para o Recife, nem do Recife para a costa, embarcação alguma de qualquer natureza, sem que fosse vista e reconhecida, tanto pelas vigias de terra, como pelas rondas do rio. Somente depois dessas prevenções foi que o governador permitiu o recebimento dos franceses, saindo à terra o Marquês general" (Garcia, 1939, p. 118).
13. "Ao mesmo tempo mandava o governador lançar bandos para que os moradores da capitania se houvessem com os franceses como amigos e naturais, fazendo-lhes o bom tratamento possível e dando alojamentos convenientes a suas pessoas; para que fossem providos do necessário, ordenou baixassem do sertão mantimentos em quantidade e dispôs fossem providos e assistidos dos remédios e medicinas de que careciam os doentes. À vista do que (escreveu o governador) publicava o general, cabos maiores e mais gente da armada, que elle Jerônimo de Mendonça era o vassalo mais honrador do seu Rei que podia haver em toda a Europa" (Garcia, 1939, p. 119).
14. Palácio de Friburgo (Vrijburg), chamado localmente de Palácio das Torres.

holandeses. Os coqueiros, as laranjeiras e os limoeiros ali formavam aleias que recreavam tanto a vista como o olfato¹⁵.



Figura 1. O Palácio de Friburgo. Gravura de Frans Post (Barlaeus, 1660, p. 144-145, detalhe da prancha 39)¹⁶

Pernambuco situa-se numa língua de areia entre o mar e um pequeno braço que se chama de rio Salgado [sic – rio Capibaribe]. Essa cidade é redonda e contém não mais de trezentas casas muito mal construídas, as outras muito más e todas de apenas um andar, estando a paróquia no meio¹⁷.

15. O horto teve uma existência efêmera e só durou até 1645, quando foi destruído completamente pelos próprios holandeses por razões de segurança. Já o palácio, depois chamado de "Palácio das Torres", foi usado pelos governadores coloniais e durou até fins do século XVIII, quando foi demolido entre 1774 e 1782. "Os coqueiros, transplantados adultos, eram reconhecidos pelo valor de seus frutos e constituíam os elementos mais marcantes do horto, formando renques que circundavam todo o palácio, reconhecidos a distância, configurando a paisagem daquela parte da planície, como se pode ver na gravura *Friburgum*, de Frans Post" (Almeida, Oliveira & Meunier, 2011).

16. As figuras foram inseridas pelos autores, não fazendo parte do texto original de Souchu de Rennefort.

17. Ermida de São Frei Pedro Gonçalves (Corpo Santo).



Figura 2. Mapa do Recife de Johannes Vingboons (1665), mostrando o Recife, a cidade Maurícia, a ponte e o istmo de Olinda com fortificações

A pequena ilha está separada da cidade por esse braço de mar e ligada por uma ponte bastante estreita com o comprimento de quarenta e cinco arcos, uns de pedra, outros de madeira; estes últimos para facilitar a passagem do fluxo e do refluxo, e os outros para sustentar mais solidamente a ponte. Essa ilha, que se chama de Santo Antônio [*sic* – Antônio Vaz]¹⁸, contém cem casas de habitantes, não compreendidas três de religiosos, uma de recoletos¹⁹, muito bela, uma de jesuítas, que eles reconstruíram, estas duas pertencentes a portugueses, e a outra aos capuchinhos franceses.

18. A ilha de Antônio Vaz (local que hoje corresponde aos bairros de Santo Antônio, São José, Cabanga e Coque) foi o local que os holandeses escolheram para sede de suas possessões em Pernambuco. Antes da invasão holandesa, a ilha era pouco ocupada, havendo apenas o convento franciscano no norte da ilha e uns poucos moradores. Diante da invasão, em 1630, o convento foi ocupado, passando a chamar-se Forte Ernesto. Nesse mesmo ano, Diederick van Waerdenburch, comandante das forças holandesas em terra, ordenou a construção de um forte da ponta sul da ilha, conhecido até hoje como Forte das Cinco Pontas. Quando Maurício de Nassau chegou ao Recife, em 1637, tratou de reforçar a defesa da ilha, bem como de encomendar o plano urbanístico da Mauritzstadt (Cidade Maurícia), de autoria de Pieter Post. A ilha de Antônio Vaz e a Cidade Maurícia constituiriam a área de expansão da cidade do Recife. A Cidade Maurícia (a oeste) e a cidade do Recife (a leste) foram ligadas por uma ponte, construída em 1642, hoje chamada Ponte Maurício de Nassau. Outras obras foram planejadas e executadas na ilha de Antônio Vaz durante o período nassoviano, como a drenagem dos terrenos, canais, diques, palácios (Friburgo e Boa Vista), jardins (botânico e zoológico), museu natural, observatório astronômico, organização de serviços públicos como o de bombeiros e de coleta de lixo.
19. Um ramo dos frades franciscanos.

Existe ao longo do Brasil um banco de rocha, chamado de Recife²⁰ nesse país, que bordejia a costa meridional da América por mais de setecentas léguas até o Estreito de Magalhães. É interrompido naturalmente, de espaço em espaço, e serve como porto, tal como na entrada de Pernambuco, que é tido como o melhor lugar da América. A entrada do porto é defendida por um forte construído sobre a rocha na ponta da barra do Recife, perpendicular e à flor d'água da maré alta, e por um grande forte real revestido por uma paliçada de paus ferrados na parte mais estreita da língua de areia sobre a qual está Pernambuco, em frente ao forte do Recife. Dois outros fortes cobrem a cidade em direção à terra, um triângulo do lado do ocidente, e outro com cinco pontas ao sul.

No oitavo dia de agosto, o governador fez uma festa para entreter o senhor de Mondevergue; dezesseis cavaleiros, muito lestos e bem montados, se dirigiram ao final da principal rua de Pernambuco, ao lado do mar, e com meias-lanças correram, cada um deles quatro vezes até um anel pendurado no meio de um cordel estendido através da rua²¹; muitos o deixaram cair por terra e apenas dois o levaram. Essa maneira de correr até o anel torna muito difícil encaixá-lo [na lança]. Pôs-se em seguida um pombo no lugar do anel²²; os dois que haviam levado o anel correram até ele e o prêmio foi dado ao mais destro. Os cavaleiros se separaram depois em duas quadrilhas e tendo coberto os braços esquerdos com grandes rodela de couro em forma de escudos, combateram-se com lanças muito agradavelmente e com muita destreza²³.

20. "Ensinam os filólogos que a palavra 'arrecife' é a forma antiga do vocábulo 'recife' e que ambos procedem do árabe, *ar-raçif*, que significa calçada, caminho pavimentado, linha de escolhos, dique, paredão, muralha, cais, molhe. No antigo castelhano arrecife tinha o sentido de caminho, banco ou baixio de mar. Porque se originou de um acidente geográfico – o recife ou o arrecife – a designação do Recife não prescinde do artigo definido masculino: O Recife e nunca Recife. Por isso no Recife, do Recife, para o Recife e não em Recife, de Recife, para Recife" (Mello, 1974).
21. "No dia 8 de Agosto, um alegre domingo de sol, ofereceu o governador aos seus hóspedes uma cavalhada, que era das festas tradicionais da terra. Uma delas, a que Maurício de Nassau ofereceu aos pernambucanos em 1641, para festejar a aclamação de D. João IV, e em que ele próprio correu com o fidalgo Pedro Marinho Falcão por companheiro, passou à história pelo aparato e luzimento com que se realizou na cidade Maurícia" (Garcia, 1939, p. 119).
22. "Depois foi posto no lugar da argolinha um pombo, que, voando, os vencedores deviam apanhar a toda a carreira de seus ginetes, cabendo o prêmio ao mais agil" (Garcia, 1939, p. 120).
23. "A festa recreou agradavelmente os franceses, porque, parece, não conheciam ainda essa espécie de torneio. Entretanto, cumulando seus hóspedes de civilidades, conservava-se o governador intransigente no que dizia respeito a consentir que a esquadra francesa ancorasse dentro do porto do Recife; apenas, como alguns dos navios estavam abertos com água, concedeu licença para que fosse entrando cada um de sua vez, o qual querinado e concertado, devia sair para dar lugar a outro. Ainda assim, antes dessa concessão, fez convocar as câmaras e pessoas principais, para saber se convinham no arbitrio, que teve o assentimento de todos os convocados" (Garcia, 1939, p. 120).

CAPÍTULO V. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE OLINDA. HABITANTES DO BRASIL, SEUS COSTUMES, OS ANIMAIS E AS FRUTAS DO PAÍS.



Figura 3. Marin d'Olinda de Pernambuco, gravura que ilustra o livro de Johannes de Laet (1644, parte superior da prancha após a p. 184)

A uma légua e meia de Pernambuco, do lado do norte, fica a cidade de Olinda, outrora muito bela e tão grande quanto Orléans antes que os holandeses a tivessem arruinado²⁴; está situada sobre quatro pequenas montanhas, cujas encostas são de aspecto agradabilíssimo. Restaram ali algumas casas e casebres que marcam seu passado resplandecente. A casa dos jesuítas, que ainda estava inteira num de seus lados, custou mais de duzentos mil francos para ser construída. Há também ali os beneditinos, os capuchinhos, os franciscanos e os carmelitas.

Todo o Brasil é uma boa terra, mas mal cultivada, a melhor renda dos portugueses sendo o açúcar e o tabaco. Quanto ao pau-brasil, só o rei pode comerciá-lo, com a proibição a qualquer pessoa de vendê-lo, sob pena de morte; em direção à baía de Todos os Santos, que fica a cento e vinte léguas mais ao sul de Pernambuco, encontra-se o bálsamo negro e o branco. Há no Brasil uma quantidade de frutas que seria muito bom se fossem cultivadas, laranjas doces e azedas mui belas, pequenos limões e limões muito grandes. Eles os preparam como confeitaria e enviam-nos à Europa. Há mangabas²⁵, com a mesma polpa e um pouco maiores que as nêspersas; pitangas²⁶,

24. “Chegando à capitania de seu governo nos primeiros dias de Março de 1664, Mendonça Furtado elegeu para sua residência a vila de Olinda, não só para que nela se continuasse a povoação que havia antes da ocupação holandesa e se animassem os moradores a reedificar grandes propriedades de casas que tinham sido arrasadas com a entrada do inimigo, como porque, com a sua presença, se obrigavam os oficiais maiores de guerra e os ministros e oficiais de justiça a ali fazerem morada, e com esses os oficiais mecânicos, mercadores e mais gente do povo. Foi essa resolução bem aceita dos moradores de toda a capitania e das religiões dos Padres da Companhia de Jesus, das Ordens do Carmo, de São Bento e de São Francisco, que todos tinham na vila suntuosos conventos, tanto mais louvada quanto os outros governadores, por seus respeitos particulares, faziam residência na povoação do Recife, onde os moradores de fora, que iam a seus negócios e requerimentos, muito descômodo padeciam por não ser lugar capaz, sem casa de auditório e vereação, nem praça de pelourinho. Tudo isso fez aparelhar em Olinda o governador, com a decência e autoridade que convinham à vila” (Garcia, 1939, p. 115-116).

25. *Mangas* no original.

26. *Pistanges* no original.

maiores e quase com o gosto das cerejas, que têm a casca pregueada²⁷; cajus²⁸, muito doces, maiores do que maçãs-reinetas²⁹, que trazem na cabeça³⁰ um tipo de castanha que se conserva e se come assada. O maracujá³¹, grande como uma pera-bartlett³², é cheio de uma espécie de argamassa e de sementes que os portugueses comem com prazer, mas que os franceses acham demasiadamente amargas; o coco e o abacaxi são frutos excelentes; a uva, os melões, os pepinos, as abóboras, as melancias, as ervilhas, as favas, as couves, as alfaces romanas, a chicória, que eles comem crua, não cuidando de fazê-la lavar; a beldroega, comuníssima; as cebolas, tão raras que delas são gulosos³³, valendo ali cada uma cinco soldos³⁴.

Há avestruzes³⁵ e papagaios de belíssima plumagem, e muitas bestas selvagens, tigres³⁶, onças³⁷ e quatis³⁸; este último é um animal da natureza menor e mais malvado que um tigre. Os capuchinhos criavam um a que tinham arrancado os dentes em

27. *Gauderonnée* no original (em francês moderno *godronnée*).

28. *Pommes d'Acachou* no original.

29. *Reinettes* no original.

30. A “castanha-de-caju” é na realidade o fruto da planta. O que se considera vulgarmente como o “fruto” é o pecíolo, que é sumarento e grandemente desenvolvido.

31. *Margoviasso* no original.

32. *Poire de bon Chrétien* no original.

33. A chegada de um navio com carga de cebolas trazidas de Portugal constituía um extraordinário evento no Recife, como constatariam Dionigi Carli da Piacenza & Michelangelo Guattini da Reggio, 1671, 1672; Michelangelo Guattini da Reggio & Dionigi Carli da Piacenza, 1674, 1680, 1997, 2006) [em tradução; cf. Papavero & Teixeira, 2015]: “Tendo ido à cidade, já passada a ponte que a medeia (como já disse), fiquei sobremaneira surpreso de não ver pessoa alguma. Acercando-me depois na direção do mar, descobri ao longe muita gente dirigindo-se ao porto. Impacientava-me por não achar alguém a quem perguntar a causa de tal novidade [quando], mais adiante, encontrei finalmente um negro que, interrogado por mim para onde tinham ido as pessoas da cidade e para onde acorria o povo, respondeu-me haver recém chegado um navio de cebolas e por isso todos, largando o que tinham em mãos, correram para o porto para comprá-las e que ele também havia conseguido duas – e eram cebolas ordinárias. Perguntei-lhe quanto havia pago e me disse que não queriam menos de um tostão por um par – e quantas tivessem vendê-las-iam por esse preço. Partido o negro, prossegui meu caminho muito admirado e dizia consigo mesmo: quanto pagariam por cebolas de Lugo, que são quatro vezes maiores? Chegado ao porto, vendo tamanha multidão de gente atrás de semelhante mercadoria, senti estar sozinho e não poder discutir tal fato, pois além do murmúrio que fazia o povo por não querer dar lugar, foi curioso ver um negro que voltava com uma mão levantada na qual tinha duas cebolas como que triunfando da vitória, mostrando-as em altos brados. Um outro negro, ao encontrá-lo, queria levá-las, mas o primeiro recusou e começaram os dois a darem-se pancadas e – caindo-lhes as cebolas – chegou um terceiro que as apanhou e fugiu. De tais contendas estava cheia a praça do porto. Regressado ao hospício, todos os padres vieram-me ao encontro para narrar o caso mencionado. Já vi tudo, respondi, e dificilmente haveria acreditado que se esvaziasse (por assim dizer) uma cidade para ir comprar cebolas. A causa é porque neste país, devido ao calor, [as cebolas] não podem crescer perfeitas e ficam pequeníssimas” (*apud* Papavero & Teixeira, 2015, p. 61-62).

34. *Sols* no original (forma antiga de *sous*).

35. *Emas* – *Rhea americana* (Linnaeus, 1758) (Struthioniformes, Rheidae).

36. Outro nome dado à onça. Posteriormente passou a designar exclusivamente a forma melânica da espécie.

37. *Panthera onca* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Felidae).

38. *Coutí* no original – *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766) (Carnivora, Procyonidae).

sua juventude; e apesar dessa precaução, ele levava sua desordem tão longe quanto permitia sua corrente. Vê-se ali uma quantidade de animais chamados antas³⁹, com a altura de um asno, que têm tanta carne quando o maior boi, quantidade de porcos domésticos e selvagens, entre outros de uma espécie que tem o umbigo no dorso⁴⁰, ratos que se assam⁴¹ e que se comem com um molho doce. Eles são vermelhos, com o corpo de esquilos e têm o gosto de coelho⁴². Formigas maiores que um dedo [*sic*], que constroem casas tão altas como as pilhas de feno nos prados da França⁴³. Um animal chamado tatu⁴⁴, do tamanho de um cão, coberto de escamas duríssimas e belíssimas, mete-se na terra como a raposa⁴⁵. Vacas, cabritos, cabras, carneiros e galinhas. Os capuchinhos disseram haver visto cobras grossas como um tonel de 600 litros⁴⁶ e com o comprimento de cinquenta pés. Há uma serpente chamada cobra-de-veado⁴⁷ pelos portugueses, com o comprimento de três ou quatro braças e muito gorda; os brasileiros comem-na. Aquecem uma fossa, deitam-na dentro, cobrem-na de terra e de madeira por cima, à qual tocam fogo; no dia seguinte, achando-se cozida, fazem um grande banquete⁴⁸. Encontra-se outra espécie de serpente muito perigosa, mas

39. *Ents* no original – *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758) (Perissodactyla, Tapiridae).

40. Referência a uma glândula que os Tayassuidae possuem no dorso, tomada erroneamente pelos antigos autores como o umbigo desses animais.

41. Referência aos ratos-de-espinho, roedores das famílias Cricetidae (gênero *Neacomys*) e Echimyidae, utilizados como alimento pelos índios.

42. Morisot (1651, p. 264): “*De Lery en son Amerique ch. 10. dit, que ces rats sauvages sont roux, de la grosseur de nos escurioux, & plus, ayant la chair de mesme goust que le lapin de garenne*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 116): “Léry, em sua *América*, cap. 10º, diz que estes ratos selvagens são ruços, do tamanho de nossos bicho de cozinha [*sic* – esquilos] e mais que têm a carne do mesmo gosto que o coelho de coelheira [*sic* – coelho bravo]”.

43. Morisot (1651, p. 271): “*Il y en a en si grande abondance, que tous les champs & ses chemins en sont pleins, les Portugais les nomment Reyez do Brasil, Roys du Brasil, parce qu'ils regnent par tout, & se nourrissent de tout ce qu'ils trouvent, chair, poissons, fruits, graines, herbes, racines, serpens, crapaux, scorpions, n'espargnant que les seuls fruits qui sont aigres, comme la Iunipaba: Elles font leurs magasins sur terre, aussi haut elleuz que sont nos plongeons de foin, que nous amassons dans nos prez, apres la coupe: les habitans des lieux appellent ces amas, Inshaube*”. Ou, na tradução de Rodrigues (1979, p. 118): “Há tão grande abundância delas, que todos os campos e caminhos estão cheios; os portugueses chamam-nas reis (Rainhas) do Brasil, porque reinam por toda a parte alimentam-se de tudo que encontram, carne, peixe, frutas, grãos, ervas, raízes, serpentes, sapos, escorpiões, não poupando senão as frutas ácidas, como a iunipaba [jenipapo]. Constroem formigueiros subterrâneos tão grandes quanto os nossos montões de feno reunidos nos campos depois do corte; os habitantes do lugar chamam estes montões insaube”.

44. *Taffu* no original. Referência a alguma espécie da fam. Dasypodidae (Cingulata).

45. Morisot (1651, p. 262): “*Il creuse promptement la terre & se retire, és creus qu'il fait, comme les renards & blaireaux ou tessons*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 115): “Escava rapidamente a terra e retira-se para os buracos que fez, como as raposas e texugos”.

46. *Demy-muid* no original.

47. *Cobre-veado* no original. Cobra-de-veado, um dos sinônimos da jiboia. *Boa constrictor* (Linnaeus, 1758) (Ophidia, Boidae).

48. Baro (1651, p. 260): “*Le seiziesme nous couchasmes vers la ruiere Pottegie, tous mouillez ayant pris vn serpent nommé par les Portugais Cobre Viado, long de trois brasses, lequel fut mis par les sauvages dans vne fosse, où ils auoient fait du feu auparauint pour l'eschauffer, puis la couvrirent de terre, & la terre des fascines esuelles ils mirent le feu pour rostir ledit serpent. [...] Le matin du dix-sept on osta le serpent de la fosse, & tous les principaux en mangerent, excepté Iandhuy & les sorciers; ils trouuerent autant à manger en ce serpent, qu'ils eussent fait en vn grand porc sauuaage*”. Na tradução

que faz grande ruído ao caminhar, o que faz com se a evite: os portugueses chamam-nas cascavéis⁴⁹. Têm tantos anéis na cauda quantos anos de vida e fazem um tinido que adverte de sua aproximação. O Brasil é habitado por quatro espécies de pessoas: os portugueses ali são os senhores e ocupam as cidades; expulsaram os holandeses dos lugares que haviam tomado; vivem em uma grande licenciosidade, e são tão ciumentos de suas esposas que elas saem tão pouco que passam por vezes anos sem ir à igreja. Eles dormem ou fumam e não têm nenhum outro móvel senão redes de algodão e esteiras; os mais suntuosos têm mesa e cadeiras de couro talhado; alguns se servem de pratos de prata, a maioria de pratos de louça. Caminham vestidos de preto, à francesa, todos levam espada e punhal, e o traje do mais qualificado não é ordinariamente diferente daquele de um simples artesão.

A segunda espécie dos habitantes são os naturais do país, chamado índios pelos portugueses; moram nos vilarejos ou aldeias, são vermelhos e ficam nus, excetuada uma pequena peça de pano que as mulheres trazem à sua frente desde a cintura até as coxas. Os que moram próximos das habitações portuguesas são cristãos e administrados pelos missionários capuchinhos e jesuítas. As aldeias dos outros ficam ordinariamente na margem dos rios, compostas de certo número de grandes casas feitas

de Rodrigues (1979, p. 103): “A 16, pernотamos na margem do Rio Potengi, todos molhados, tendo apanhado uma serpente chamada pelos portugueses de cobre-veado [sic], de três braços de comprimento, a qual os selvagens puseram num fosso, onde antes tinham feito fogo, para aquecê-lo, depois cobriram-no de terra e esta de faxinas, às quais atearam fogo, a fim de assar a dita serpente”. Em Morisot (1651, p. 284): “*Marcgravius au liu. 8. de l’histoire naturelle du Brasl ch. 8. parle de cette façon de rostir les gros animaux par les Brasiliens & Tapuiés, adious-tant seulement cecy, qu’après que la fosse auoit esté échaufée, ils mettoient de grandes feuilles d’arbres au fond d’icelles, sur lesquelles ils ittoient les morceaux de la viande qu’ils vouloient faire cuire, puis le cououroient de feuilles, sur lesquelles ils ittoient de la terre, finalement faisoient vn grand feu par dessus, qu’ils entretenoient iusques au temps qu’ils croyoient que la chair estoit cuitté, & alors ils la tiroient de la fosse, & la mangeoient goulument*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 121-122): “Marcgrave, no liv. 8º da *História Natural do Brasil*, cap. 8º, fala deste modo de assar os animais grandes pelos brasileiros e tapuias, acrescentando apenas que depois de ter esquentado a fossa, colocavam eles grandes folhas de árvores no fundo e aí jogavam os pedaços de carne que queriam fazer cozinhar; a seguir cobriam-nos de folhas, sobre as quais jogavam terra e, finalmente, faziam um grande fogo por cima, que alimentavam até o momento em que julgavam estar cozida a carne, então, ela era tirada da fossa e comida gulosamente”.

49. *Cascavelles* no original. *Crotalus durissus* (Linnaeus, 1758) (Ophidia, Viperidae). Morisot (1651, p. 260): “*Il faut dire Cascauela, nom duquel les Portugais appellent le serpent nommé des Brasiliens, Boicinga, Boiciniuinga, Boitininga, & Boiquira, par les Tapuiés Aiugi, par les Hollandois Kaetel Sslange [sic]. Il est long de quatre à cinq pieds, gros par le milieu comme le bras d’un homme proche le coulede, ses escailles s’eleuent sur la peau laquelle est esmaillee d’un iauue pasle releué de noir, & de tanné par losanges qui se rapportent l’vne à l’autre, le rang d’en bas entrant, ou plutost se ioignant à celui d’en haut. Sa queue a autant de noeuds que le serpent a d’annees, faisant lors qu’il rempe vn bruit comme des sonnettes, la nature ayant icelles données à dessin pour aduertir les hommes de ce destourner de son passage, & éuiter sa morsure qui est mortelle*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 114): “É necessário dizer cascavel, nome pelo qual os portugueses chamam a serpente denominada pelos brasileiros de boicinga, boiciniuinga, boitininga e boiquira, pelos tapuias aiugi, pelos holandeses Raetel Slange. Tem quatro a cinco pés de comprimento, é tão grossa no meio, como o braço de um homem próximo do cotovelo; suas escamas se implantam sobre a pele, que é colorida de um amarelo pálido, realçado pelo preto, e curtida por losangos que se aproximam uns dos outros; a fila de baixo entra ou junta-se mesmo na de cima. Sua cauda tem tantos nós quantos anos conta a serpente, produzindo, quando ela se move de rojo um ruído como o de campainhas; a natureza agiu sabiamente para avisar aos homens que se desviem de sua passagem e evitar sua mordedura, que é mortal”.

com grandes troncos de árvores e cobertas de folhas⁵⁰. Acham-se sob um desses tetos até cinquenta famílias separadas por folhagens⁵¹. O mais velho de cada uma delas ordena aos outros o que devem fazer⁵², e o mais idoso é o chefe da aldeia, que leva o seu nome; ela o muda quando ele vem a morrer para tomar o daquele que é seu sucessor⁵³. Eles dormem em redes de algodão amarradas nos pilares de seu edifício, mantêm fogo durante a noite perto deles, crendo que afaste o diabo, do qual parecem temer a aproximação.

50. Morisot (1651, p. 285-286): "*Leurs maisons sont aucunes fois longues de quatre-vingt pas & plus, les portes ne se ferment que de branches de palmier, ou de grande feuilles d'une herbe qu'ils appellent, Pindo. Leurs toits sont soutenus de troncs d'arbres couverts desdites feuilles*". Na tradução de Rodrigues (1979, p. 122): "Suas malocas têm, às vezes, oitenta passos e mais de comprimento; as portas não se fecham senão com ramos de palmeiras, ou grandes folhas de uma relva [sic – palmeira] que eles chamam pindo [pindoba]. Seus tetos são sustentados por troncos de árvores cobertos das ditas folhas".
51. Morisot (1651, p. 288): "*Ils courent & bastissent leurs maisons de ces palmiers, ou palmites, icelles maisons ainsi que nous venons de dire, longues de deux à trois cent pieds, distingué plustost que séparées de quelques feuillages, par fois en vne seule Maison il y aura 50. familles, chacune avec son ret de coton & son feu particulier*". Na tradução de Rodrigues (1979, p. 123): "Os índios cobrem e constroem suas malocas com estas palmeiras ou palmitos; têm elas, como já dissemos, o comprimento de duzentos a trezentos pés, e se distinguem mais do que se separam por algumas folhagens; por vezes uma só abriga 50 famílias, cada uma com a sua rede de algodão e o seu fogo particular".
52. Morisot (1651, p. 288): "*Le plus vieil de chaque famille ordonne dès le matin depuis son licit, ce que le reste doit faire la journée*". Na tradução de Rodrigues (1979, p. 123): "O mais velho de cada família, logo que se levanta de manhã, ordena aos outros o que devem fazer durante o dia".
53. Morisot (1651, p. 278): "*Pour moy ie crois avec ceux qui ont escrit du peuple du Brasil, ce que i'ay desia dit, que de mesme que les bourgades, chasteaux, maisons, chemins, rosses & parcs que les Portugais & Hollandois ont en ce pays, portent les noms de ceux qui les ont basties qui y commandent, qui y demeurent, où ausquels elles appartiennent; ainsi que les Aldées, & peuples des Brasiliens & Tapuiens prennent les noms de ceux qui effectuellement leur commandent, changent de noms autant de fois qu'ils changent de chefs, lesquels ne durent pas long-temps estant tousiours choisis les plus vieux de l'Aldée, ou de la nation, s'il échét d'en nommer vn general sur tous, & ce changement est cause que nous ne sçaurions auoir vne description particuliere de ces lieux, dont les noms sont si souuent changez, faisant les chefs au contraire de nos François, qui prennent les noms des Seigneuries qui sont en leurs maisons, quitant ceux de leurs peres, au lieu que les chefs Brasiliens & Tapuiens donnent leurs noms és Aldées & natiôs, esquelles elles commandent*". E mais adiante (Morisot, 651, p. 285): "*Les sauvages n'ont point de villes fermées, habitans ou separement dans les bois, ou ensemble dans des villages qu'ils appellent Aldées, qui prennent leurs noms, ou du chef qui y comande, comme nous auons remarqué cy-dessus; ou de la riuere voisine, qui est le plus assuré, tant parce que leurs Aldées sont tousiours basties proche les riuieres, que parce que les riuieres ne changent iamais de nom*". Na tradução de Rodrigues (1979, p. 120): "Creio, com os que escreveram sobre o povo do Brasil, ser verdadeiro o que já disse: que assim como as aldeias, os fortes, as casas, os caminhos, os roçados e parques que os portugueses e holandeses têm neste país levam os nomes daqueles que os construíram, que comandam, residem ou aos quais pertencem, assim também as aldeias e povos dos brasileiros e tapuias tomam os nomes daqueles que, efetivamente, os governam; trocam de nome tantas vezes quantas trocam de chefes, os quais não duram muito tempo, sendo sempre escolhidos os mais velhos da aldeia ou da nação, no caso de resolverem ficar subordinados a um chefe. Estas frequentes mudanças, que acarretam também a dos lugares, fazem com que não possamos ter uma descrição particular desses lugares. Ao contrário dos nossos franceses, que tomam os nomes das Senhorias que estão em suas casas, abandonando a de seus pais, os chefes brasileiros e tapuias dão seus nomes às aldeias e nações que governam"; e à p. 122: "Os selvagens não têm cidades fechadas; habitam separadamente nas matas, ou juntos nos agrupamentos que eles chamam de aldeias; estas tomam seus nomes, ou o do chefe que aí governa, como já notamos atrás; ou o do rio vizinho, o que é mais seguro, tanto por que suas aldeias são sempre construídas perto dos rios, como porque os rios não mudam jamais de nome".



Figura 4. Tapuias (tarairiús) (Marcgrave, 1648, p. 280)

Há outra espécie de habitantes que os portugueses chamam tapuias⁵⁴ [Figura 4], maiores e mais gordos de um quarto do que aqueles de que vimos de falar; são idólatras. Quando alguém dentre eles fica tão doente que eles julgam que não se curará, eles o matam, para impedi-lo de languescer, e o comem; comem também os estrangeiros quando os capturam, e seus inimigos quando os tomam. Só têm habitações distantes do mar quarenta léguas; governam-se por aldeias como os outros brasileiros⁵⁵ e não têm deles diferença senão serem maiores e antropófagos. Conhecem-se 76 nações sujeitas a outros tantos senhores que têm os chefes de aldeias sob sua obediência. Faziam guerras entre si quando não havia europeus no Brasil. Quando portugueses e holandeses estavam em querela, aliaram-se ao lado que mais lhes convinha e combateram por uns e outros⁵⁶. Suas armas são arcos, flechas, lanças e bordunas de madeira

54. *Tapoujas* no original. Indubitavelmente, como se vê pelas notas anteriores e seguintes, Souchu de Rennefort extraiu a totalidade de seus comentários sobre os tapuias de Baro (1651) e Morisot (1651).

55. Morisot (1651, p. 260): “*Les chefs des Tapuias donnent leurs nom és Aldées ou villages où ils commandent, & font leurs demeures plus ordinaires n’en ayant aucunes arrestées*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 114): “Os chefes dos tapuias dão seus nomes às aldeias ou vilas em que comandam e são as suas moradas mais comuns, não tendo nenhuma permanente”.

56. Morisot (1651, p. 247): “*Ils sont appellez d’aucuns Tapuias, d’autres Tapoyos: mais comme cette terminaison n’est point Françoise le traducteur les appelle Tapuias. Il y a de ce nom dans la terre ferme du Brasil soixante & seize nations, rapportées par le bon amy de mon pere le Sieur de Laet in son quinziesme liure des Indes Occidentales ch. 3. Toutes belliqueuses,*

duríssima. Usavam o osso da coxa de homens como trombetas antes de os portugueses lhes terem dado instrumentos de bronze⁵⁷. São muito temidos pelos outros índios, dos quais cem não podem resistir a trinta tapuias.

Eles moqueiam a carne, fazendo um pequeno fogo sob uma fileira de varetas elevadas a três pés acima da terra por quatro furcas, sobre a qual eles a estendem⁵⁸.

Só dão nome a seus filhos na idade de dez anos, e nessa cerimônia furam-lhes o lábio inferior e as orelhas; ao casá-los, furam-lhes as bochechas. No início do mês de julho, depois de colhido e replantado o milho⁵⁹, o chefe faz chamar aqueles que têm vontade de casar e aqueles que chegaram à idade de ter um nome. Assim que se reúnem, ele caminha à frente com padres que se chamam caraíbas⁶⁰, e os pais e mães

qui auparavant la venue des Europeans audit Brasil se faisoient vne cruelle guerre, & maintenant ayant quitté les guerres ciuilles, ont pris party les vns pour les Hollandois, les autres pour les Portugais. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 111): “Alguns os chamam de tapuias, outros de tapoios: mas como esta denominação não é francesa, o tradutor chama-lhes tapuias. Há, deste nome, na terra firme do Brasil, setenta e seis nações, referidas pelo bom amigo de meu pai, o Senhor de Lart, em seu livro 15º das Índias Ocidentais, cap. 3. Todas belicosas, que antes da vinda dos europeus ao dito Brasil se faziam guerra cruel; agora, tendo deixado as guerras civis, tomaram partido uns pelos holandeses, outros pelos portugueses”.

57. Morisot (1651, p. 274): “*C'estoit chose très-rare parmy les Brasiliens d'auoir des instruments de fer & d'airain, & faut qu'ils fissent grand cas des flutes qui estoient faictes de ce dernier metal, puis q'ils rompoient leurs trompettes pour en faire, parce que comme ie croix ils ne sçauoient pas entonner nos trompettes, estant accoustumez de se seruir à la guerre de trompettes faictes d'os humains, que les Latins appellent Tibiae, & eux Canguaca*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 118): “Era coisa rara os brasileiros terem instrumentos de ferro e de bronze; e é falso que deram grande importância às flautas feitas deste último metal, pelo fato de arrebatarem as suas trombetas para fazê-las; creio que eles não sabiam entoar as nossas trombetas, estando acostumados a servir-se, na guerra, de trombetas feitas de ossos humanos, que os latinos chamam tibia e eles canguaca”.
58. Morisot (1651, p. 257): “*La façon de boucaner, ou boucaner par les sauuages du Brasil est écrite par Iean de Leri ch. 10 de son Amerique. Les Americains, dit-il, fichent quatre fourches de bois en terre, distantes em quarré d'environ trois pieds, esleués de deux & demy, mettans sur icelles des bastons à trauer à deux doigts l'vn de l'autre, ils nomment cette grille Boucan. Ils mettent les pieces de chair dessus, faisant un petir feu de bois sec dessous rendant peu de fumée, ils les tournent souuent faisant beaucoup cuire celles qu'ils veulent garder. Ainsi font ils des poissons & corps humains*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 114): “O modo de assar pelos selvagens do Brasil foi descrito por Jean de Léry, cap. 10, de sua obra *América*. Os americanos, diz ele, dispõem quatro forquilhas de madeira no chão, distantes num quadrado de cerca de três pés, com uma altura de dois e meio pés; colocam sobre as mesmas bastões atravessados a dois dedos um do outro, e chamam essa grelha de espeto [*sic*]. Põem as postas de carne em cima, e viram-na frequentemente, fazendo que cozinhem bastante aquelas que querem guardar. Assim procedem com os peixes e corpos humanos”.
59. Morisot (1651, p. 301-302): “*Cette feste se faisoit apres le mil leué & replanté, comme il se voit icy le premier Iuillet. Auquel jour on perçoit les oreilles, les ioués, & les leures des enfans, & de ceux qui se vouloient marier*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 127): “Esta festa se realizava depois da colheita e replantio do milho, como se vê aqui, no dia 1º de julho. Nesta data, furavam-se as orelhas, os ouvidos [*sic* – bochechas] e os lábios das crianças e daqueles que se queriam casar”.
60. Morisot (1651, p. 296): “*Aussi pour prestres & medecins, guerissans les malades d'esprit & de corps, ils n'ont que de sorciers & magiciens, ou gens qui se disent tels, ils les nomment Pages, & Caraibes, lesquels implorent l'assistance du diable, pour sçauoir de luy l'euenement des choses futures, soit de la guerre, soit des maladies*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 125): “Também, como padres e médicos, que curem os doentes do espírito e do corpo, só dispõem de feiticeiros e mágicos, ou homens que se dizem tais; chamam-lhes pajés e caraíbas; estes imploram a ajuda do Diabo, indagando-lhe o que acontecerá no futuro, seja em relação a guerra, seja em relação às doenças”.

os seguem; os jovens que irão se casar e as crianças são os últimos, pintados e cobertos com plumas de diversas cores⁶¹. Cantam e dançam, e os caraíbas os perfumam com tabaco; depois disso correm com [o tronco de] uma árvore para terminar a festa, o que sucede assim. Os jovens se dividem em dois grupos iguais, e um de cada um deles toma um tronco de árvore que, correndo, transporta tão longe quanto pode; outro o retoma assim que ele o deixa, e assim até o último. O grupo que chega primeiro no final é honrado, o outro é ridicularizado; esse jogo continua durante oito dias⁶². Há entre eles corredores de uma velocidade admirável [Figura 5].

61. Morisot (1651, p. 288-289): “*Jacob Rabbi la raconte plus simplement & diuèrsement, disant que le peuple estant amassé en vn lieu pour sauter & danser, les sorciers & deuins estans en deux rangs deçà & delà, les enfans, ou ieunes garçons de douze à treze ans, estant au milieu, qu’vn de ces sorciers s’estant saisi d’vn d’eux, luy lie les bras & iambes si serré, qu’il ne se puisse pas remuer, vn autre suruenant ayant vn Cousteau de bois dur & aigu en main, luy perce la leure dessous & les oreilles, la mere de l’enfant criant & se plaignant excessiuement, & cela est leur baptesme. Les mesmes percent les iouës aux ieunes hommes lors qu’on le veut marier, & cela est leur fiançailles & espousailles, n’estant leurs coutumes de percer leurs iouës auant ce temps. Ce fait ils dansent, boiuent, & mangent trois ou quatre iours durant, receuant chacun sa part & portion de la main du Roy qui danse, boit, & mange, avec les mariez & leurs parens*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 123): “Jacó Rabbi relata-o de modo mais simples e diverso, dizendo que, reunindo-se o povo para saltar e dançar num lugar, aí vem os meninos bem arranjados, ficando os feiticeiros e adivinhos em duas filas, aqui e ali, e os meninos ou rapazinhos de doze a treze anos ao meio; um dos feiticeiros pega um deles e liga-lhe os braços e as pernas de modo tão apertado que ele não se possa mexer; um outro chega com um facho de madeira dura e aguda na mão, e fura-lhe o lábio inferior e as orelhas, enquanto a mão do menino grita e se lamenta em alto brado, e este é o seu batismo. Os feiticeiros furam as orelhas dos rapazes quando querem casá-los, e isto é o seu noivado e casamento, não sendo seu costume furar as orelhas antes deste tempo. Isto feito, dançam, bebem e comem durante três ou quatro dias, recebendo cada um a sua parte e porção das mãos do rei, que dança, bebe e come com os casados e seus parentes”.

62. Sobre essa cerimônia dos tarairiús de Pernambuco temos dois depoimentos datando do período do Brasil Holandês. O primeiro foi dado por Jacob Rabbi (in Marcgrave, 1648, p. 280): “*Ad lapidis iactum à Reguli tabernaculo, duo trunci arborum humi jacent unius passus intervallo à se invicem dissiti, populus autem universus in duas turmas divisus ex adverso consistit; hinc unaequaeque turma eligit unum è robustissimus, qui truncos illos succolant & quam possunt celerrime portanto, succedunt dein alii aliis ex eadem turma; qui autem primi ad locum castris destinatum pervenerint, tardioribus insultant, atque illos exsibilant*”. Morisot (1651, p. 275) traduziu esse trecho da seguinte maneira: “*A vn iet de pierre de la terre, ou cabinet de Iandhuy, il y a deux troncs d’arbres, le peuple diuisé en deux troupes, chaque troupe choisit vn des plus forts de son costé, qui charge sur son espaulle vn de ces troncs, & courant le plus viste qu’il peut, le porte tant & si long que ceux de son party reconnoissent qu’il soit las, alors vn autre luy succede sans rien arrester, & le porte aussi le plus loing qu’il peut: enfin ils se secourent l’vn l’autre, iusques à ce qu’arriuant au but destiné il s’en dechargent. Le party de celuy qui est paruenu le plutost au but, est déclaré victorieux, & les vaincus mocquez*”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 119): “A um tiro de pedra da terra ou cabana de Janduí, há dois troncos de árvores; estando o povo dividido em dois bandos, cada bando escolhe um dos mais fortes do seu lado, que carrega sobre os ombros um destes troncos e corre o mais depressa que pode, levando-o até longe que aqueles de seu partido reconheçam que ele está cansado; então, outro o sucede, sem nada parar, leva-o, também, o mais longe que pode; enfim, eles se socorrem um ao outro, até que, chegando ao fim destinado, o descarregam. O partido daquele que mais depressa atingiu o fim, é declarado vitorioso e os vencidos são ridicularizados”.

O segundo depoimento encontra-se em Baro (1651, p. 219-221): “*Puis ayant commandé à ses gens de serrer ce que ie luy auois offert, il me mena joyeusement disner avec luy. Le repas finy, il fit assembler des ieunes hommes, qu’il fit luitier l’vn contre l’autre sur le sable, & me dit, que c’estoit pour ma bien-venue qu’il faisoit cela. Et que le lendemin ils porteroient l’arbre, ce qu’ils n’auoient pas encore fait de toute l’année, parce qu’il attendoit ma venue, & que désormais il feroit continuer cet exercice iusques au iour de leur feste. Je remerciay le Roy & la compagnie de l’honneur qu’ils me faisoient. La nuit suruint laquelle nous passasmes estendus sur le sable, la pluye sur le dos.*”

Esses tapuias, que devoram seus parentes mortos, choram e se lamentam após haver-lhes comido a carne, guardando-lhes os ossos, reduzidos a pó, o qual é

Au lever du Soleil le viellard comanda aux femmes de faire de la farine, & aux hommes d'aller chercher des rats, leur ordonnant de retourner incontinent apres midy pour courir l'arbre. Ils obeyrent, cependant deux Tapuias apporterent sur leurs epaules deux troncs d'arbres de Corrauearas, de la longueur de plus de vingt pieds. Ils em leuerent l'escorce à la flamme du feu, & polirent le bois tout alentou sans y laisser aucun noeu. Et quando le peuple fut de retour, chacun se peignit le corps de diuerses couleurs. Ce fait, ceux qui auoient pris des rats les lascherent dans la plaine, puis paryie d'iceux chargerent primpement ces troncs, courans d'une vitesse nonpareille apres ces rats; quando vn d'eux paroissoit las, vn autre em prenoit la place sans retarder la course, laquelle dura plus d'une heure. Apres laquelle estant de retour racontoit, comme & de quelle façon il auoit poursuiuy, atteint, blesse, & tué ces rats. Le viellard Iadhuy auoit couru avec eux, chose merueilleuse de voir vn home aagé de plus de cent ans, voire suiuant l'opinion des siens de plus de cent soixante courir si habilement. Ce qui estonna tellement Iean Strafi, qui estoit vn de ceux que i'auois amené avec moi de Rio Grandé, qu'il croyoit que ce fut plustost vn diable qu'un homme. Iandhuy de retour, me dit, Qu'en dis, tu mon fils, ce ieu ne te semble-il pas plaisant? Le luy respondis, qu'oy, & que i'estoi bien aisé de le voir ainsi robuste & gaillard".

Ou, na tradução de Rodrigues (1979, p. 99): "Depois, tendo ordenado a seus homens que guardassem o que eu lhe ferecera, levou-me alegremente para jantar com ele. Terminada a refeição, mandou reunir os rapazes, que lutaram uns com os outros na areia, e disse-me que assim se fazia para dar-me as boas vindas. No dia seguinte, carregaram a árvore, coisa que ainda não haviam feito durante o ano, porque ele esperava a minha vinda, e daí em diante faria continuar este exercício até o dia de seu aniversário. Agradei ao rei e aos seus acompanhantes pela honra que me dispensavam. Veio a noite, que passamos estendidos na areia, debaixo da chuva.

Ao nascer o sol, o ancião ordenou às mulheres que fizessem farinha e aos homens que fossem à caça de ratos e voltassem logo após o meio-dia, a fim de correr a árvore. Obedeceram, e entrementes, dois tapuias trouxeram sobre suas espáduas dois troncos de árvores de corrauearas, de mais de vinte pés de comprimento. Tiraram-lhe a casca na chama do fogo e poliram a madeira toda em volta, sem deixar nenhum nó. E quando todo o povo regressou, cada qual pintou o corpo de diversas cores. Isto feito, aqueles que tinham apanhado ratos soltaram-nos na planície, depois parte deles carregou prontamente aqueles troncos, correndo com uma velocidade inigualável atrás dos ratos; quando um deles parecia cansado, outro o substituiu sem retardar a corrida, que durou mais de uma hora. Depois de terminada, cada um que voltava contava como e de que modo perseguira e matara os ratos. O ancião Janduí correrá com eles e era coisa maravilhosa ver-se um homem de mais de cem anos (segundo a opinião dos seus, de mais de cento e sessenta) correr com tanta destreza. Isto causou tal admiração a João Strafi, um dos que eu trouxera comigo do Rio Grande, que ele acreditou tratar-se antes de um demônio que de um homem. Janduí, de volta, dirigiu-me estas palavras: – "Que dizes, meu filho? Este jogo não te parece divertido?" Respondi-lhe que sim e que comprazia vê-lo tão robusto e desembaraçado".

misturado com farinha de milho para fazer uma papa que lhes serve de acepipe nos batismos e casamentos⁶³. Os súditos domem por terra e os senhores em ramagens⁶⁴.

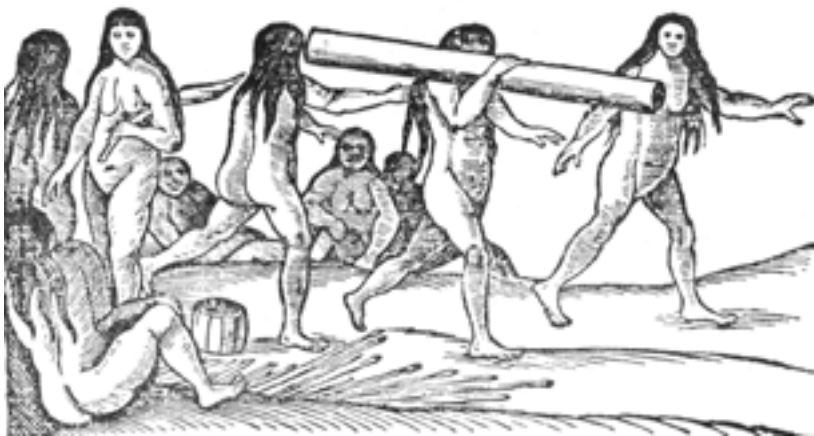


Figura 5. A corrida dos tarairiús com troncos de árvores (Marcgrave, 1648, p. 280)

Os negros são a quarta espécie dos habitantes do Brasil, sendo levados de Angola. Trabalham continuamente; seus senhores não lhes dão outra coisa para viver senão algumas horas que eles empregam em cultivar mandioca, da qual se nutrem. Há grande número de engenhos ou moinhos de açúcar no Brasil, que pertencem aos

63. Morisot (1651, p. 290): “C’est vne sorte de bouillie faite avec graisse, miel sauvage & des cheueux des décez hachez menu. Ainsi me le disoit le traducteur, mais il se trompoit par sa traduction mesme, qui distingue les os pillez, les cheueux coupez menu, meslez dans du miel sauvage, avec le Tapioha. Or comme il s’est trompe en son explication, aussi a-il fait au mot; car au lieu de Tapioha, comme j’ay desia dit cy-dessus, il faut dire, Tapioja, ou Tiptica, qui est le suc exprimé de la racine de Mandioque qui est comme du caillé, ou ionchée de lait, duquel on fait des tartes, & gatteaux au Brasil. Les femmes mangerent ce Tapioja separament, pour leur faire comme on dit bonne bouche, apres auoir mangé des os, & du poil avec vn peu de miel”. Na tradução de Rodrigues (1979, p. 123): “É uma espécie de papa feita com banha, mel selvagem e os cabelos dos mortos, que são cortados miúdos. Assim me dizia o tradutor, mas enganava-dse na sua própria tradução, que distingue s ossos esmigalhados, os cabelos cortados miúdos, misturados ao mel selvagem, com tapioa. Ora, como ele se enganou na sua explicação, também o fez quanto à palavra, pois em lugar de tapioa, como já disse atrás, é necessário dizer-se tapioca, ou tipioca, que é o suco exprimido da raiz da mandioca, como a coalhada ou a juncada de leite, do qual se fazem tortas e doces no Brasil. As mulheres comem esta tapioca separadamente, para fazer, como dizem, boca doce, depois de ter comido os ossos e pelos com um pouco de mel”.
64. Morisot (1651, p. 273): “Les Tapuiés moins delicats que les autres Brasiliens (qui prennent leur repos dans des rets de coton, dont les bouts sont attachés à des arbres, ayant du feu proche d’eux pour dissiper les fraîcheurs des nuits) se couchent à terre, ou sous des arbres, & leurs Roys dans des huttes de branchages”. Ou, na tradução de Rodrigues (1979, p. 11): “Os tapuias, menos delicados que os outros brasileiros (que repousam em redes de algodão, cujas extremidades são presas a árvores, aquecidos por um fogo próximo, para dissipar a frescura das noites), deitam-se na terra ou sob as árvores, e seus reis, em ramadas [sic]”.

ricos portugueses, desde a linha [o equador] até a baía de Todos os Santos. A três léguas nessas terras acima de Pernambuco, há dois, um dos quais vai beirando o rio do Recife, no qual se toma a água para os navios e que é flanqueado por belíssimas árvores dos dois lados. Esses moinhos são máquinas admiráveis e de uma longa descrição. O principal movimento faz-se por três mastros retos, que giram de tal forma uns nos outros que, quando a extremidade da cana-de-açúcar fica presa, o resto segue necessariamente. Se um dedo daqueles que lá colocam essas canas ficasse preso, o corpo não poderia evitar ser atraído por esses mastros e seria reduzido a pó caso não houvesse instrumentos sempre prontos para lhes cortar os braços a fim de salvar o resto do corpo. Há um fogo perpétuo em quatro andares de caldeiras, e o suco das canas-de-açúcar escorre de uma às outras e ali é cozido. Desses dois moinhos, um gira pela força da água e o outro por cavalos e bois; na ausência desses, os negros é que têm o trabalho, assim como do resto das máquinas e do fogo. Se eles apresentam alguma lentidão, são postos em sangue [chicoteados] e, para impedir que ocorra gangrena em seus ferimentos, seus senhores, temerosos de perdê-los, fazem-nos untar com sal e vinagre. Eles não deixam, durante esse duro cativeiro, de se divertir algumas vezes. No domingo, 10 de setembro, fizeram sua festa em Pernambuco. Após terem estado na missa cerca de quatrocentos homens e de cem mulheres, eles elegeram um rei e uma rainha e desfilaram pela rua cantando, dançando e recitando versos que haviam feito, precedidos por oboés, trombetas e pandeiros.

Estavam vestidos com as roupas de seus senhores e senhoras, com correntes de ouro e brincos de ouro e de pérolas, alguns deles mascarados. O rei e os oficiais nada fizeram durante toda essa semana senão passear com gravidade, com a espada e o punhal na mão⁶⁵.

Todos os habitantes do país, até as crianças, não andam no campo sem portarem grandes facões nus, com fio dos dois lados, para cortar as serpentes, chamadas cobras-de-veado, que saltam sobre eles das árvores, enrodilhando-os e sufocando-os caso não as cortem prontamente. Veem-se muitos deles com cicatrizes sobre o estômago e sobre os rins, feridas que obtiveram ao cortá-las.

CAPÍTULO VI. PRESENTE FEITO AO GOVERNADOR DO BRASIL [sic]. SUA PRISÃO PELOS PORTUGUESES. COMOÇÃO CONTRA OS FRANCESES; E O QUE SE PASSOU ATÉ A PARTIDA DA FROTA.

Para agradecer os presentes e a cortesia do senhor Dom Jerônimo de Mendonça Furtado, Governador do Brasil [sic], e obter a permissão para deixar entrar no porto três navios que corriam o risco de permanecer na costa se não fossem reparadas, o

65. Essa é a mais antiga referência sobre o *maracatu* de Recife, segundo Silva (1999).

senhor de Mondevergue e os diretores enviaram-lhe um gibão de pano escarlate com bordados, estimado em cem pistolas⁶⁶, duas peças de pano escarlate de cinquenta e duas anas⁶⁷, telas e outros tecidos, e um par de belíssimas pistolas. Ele os recebeu mui prazerosamente, mas aparentemente com alguma desconfiança. Não quis permitir que nenhuma nave adentrasse o porto.

No dia 31 de agosto, esse governador, saindo da igreja paroquial, onde acabava de conduzir o Santo Sacramento, foi preso, e com ele o senhor Andrade. Quarenta pessoas o vigiavam havia quatro meses para assegurar-se [disso] e, por fim, vendo-o na cidade pouco seguido, sendo costume dos portugueses de alta estirpe acompanhar o viático⁶⁸ toda vez que o encontravam, levaram-no a um homem que não

66. A partir de 1640, a França passaria a cunhar uma nova moeda de ouro chamada “*louis d’or*” por mostrar a efigie do rei. Na linguagem corrente, essa peça ganharia o nome de “pistola” graças a um trocadilho – as novas “pistolas” estavam eliminando os “escudos” no meio circulante, assim como as pistolas e outras armas de fogo haviam tornado os escudos medievais obsoletos no campo de batalha. Outros países europeus seguiriam o exemplo francês, lançando moedas aproximadamente desse mesmo valor – cerca de dois ducados de ouro – que também acabariam sendo chamadas de “pistolas” pelo vulgo.

67. Antiga vara (medida) francesa, equivalente a 1,188 m.

68. “Em casa de João de Novalhas y Urréa, rico senhor de dois engenhos e arrendatário de contratos, faziam [os conjurados] juntas a que compareciam André de Barros Rego, senhor de engenho de São João da Mata e Juiz ordinário em Olinda, Lourenço Cavalcanti e João Ribeiro, vereadores, Domingos Dias Sueiro, procurador da Câmara, João Batista Accioli, João Gomes de Melo e Manuel Gonçalves Correia, que era secretário do governo; a última dessas reuniões realizou-se na noite de 30 para 31 de Agosto, com a assistência de todos aqueles conjurados; nela foi resolvido que no dia seguinte se juntassem os parciais e amigos, com seus criados e escravos, todos muito bem armados, e com os oficiais da Câmara à frente fossem prender o governador. Para isso concertaram o plano de simular um enfermo, pessoa de sua confiança, com aperto de necessitar o Sacramento do Viático Eucarístico, que era de praxe o governador acompanhar, segundo o costume dos portugueses da mais alta qualidade [...]. De fato, como tinham de sua parcialidade os vigários Estevão dos Santos e Antônio da Silva, com eles combinaram a farsa da vocação do Sacramento, para mais a salvo levarem a termo o que intentavam. No momento apazado tudo aconteceu como maquinaram, porque figuraram estar doente em perigo de morte um mulato seu parcial e para ele chamaram o Senhor: ao passar a procissão [então chamada ‘do Nosso Pai’, designação conferida ao Viático] em frente ao paço, saiu o governador a acompanhá-la. Porque se aparelhassem as cousas como tinham disposto, detiveram o Viático em casa do falso enfermo por espaço quasi de uma hora, sob pretexto de que se reconciliava e de que tinha vômitos, caso em que a igreja proíbe a comunhão, para que não suceda alguma indecência a tão divino Sacramento. Cumprida a cerimônia, recolheu-se o acompanhamento à igreja; ao sair dela o governador achou tomadas todas as ruas com ajuntamento de muitas pessoas armadas; indagando da causa daquela novidade, investiu-o, acompanhado de outros oficiais da câmara, o juiz ordinário André de Barros, que com a mão apunhada à espada, lhe disse que estivesse preso da parte de sua Magestade. Respondeu-lhe Mendonça Furtado que era seu governador, e que se não deviam haver com ele naqueles termos; que se aquietassem, porque se alguma cousa houvesse do serviço del-rei ou do bem comum, em que pudesse obrar, assim o faria; que lhes advertia o não podiam prender, mas somente obedecer, como vassallos que eram de Sua Magestade.

A essas razões, replicaram os conjurados que se entregasse preso, porque para isso tinham ordem del-rei, e que qualquer resistência lhe custaria a vida. Ao mesmo tempo muitos arrancaram das espadas e outros lhe meteram ao rosto as armas de fogo, que traziam. Vendo o governador que para resistir só podia contar com a sua pessoa, por isso que dos criados que o acompanhavam uns tinham sido presos, outros estavam feridos, decidiu entregar-se à prisão, dizendo aos que o cercavam que vissem onde queriam a tivesse; no que responderam que na fortaleza do Brum, para onde o conduziram entre o tumulto dos levantados, capitaneados pelos oficiais da câmara, que iam dando vozes: ‘Morrã os traidores’. Narra Mendonça Furtado

estava doente e passaram pelo lugar onde estava o senhor Mendonça, que o seguiu e foi cercado ao voltar por aqueles que queriam capturá-lo. Entrementes a população, que não sabia o verdadeiro motivo dessa ação, acreditou que o governador fora preso porque vendera a terra aos franceses e gritou que todos eles precisavam ser mortos⁶⁹. Muitos franceses, apavorados, passaram a ponte e se meteram entre os capuchinhos, onde foram incontinentemente assediados; alguns outros foram levados e desarmados no corpo da guarda. Mas um oficial da Câmara do Governo foi imediatamente encontrar o senhor de Mondevergue, a quem disse que o governador era um tirano⁷⁰ e que o

em sua representação ao rei, que da ocasião se aproveitaram os conjurados 'para investirem os aposentos de suas moradas, assim no Recife, como na vila de Olinda, e saquearam tudo o que acharam, que importava em grande soma de fazenda, assim em dinheiro, como prata, ouro, jóias, ambar, movel precioso, miudezas de valor, sendo quasi toda esta fazenda de seu irmão Luiz de Mendonça, e do procedido de carregações e encomendas de alguns fidalgos da Corte, parentes e amigos dele Jerônimo de Mendonça'. Ainda mais: '... saquearam a casa de moradia do ouvidor, que servia naquele tempo, Francisco Franco Quaresma, do capitão Luiz Valença da Rocha, homem de grosso trato, que corria com os negócios dele Jerônimo de Mendonça, do capitão Joseph Rodrigues, do alferes Pedro Pinto, pessoa de sua obrigação e homem de negócio na praça, ao qual acutilaram, e a todos prenderam na cadeia pública com rigorosas correntes, com muitas feridas; e do mesmo modo o alferes Manuel Cardoso, Domingos Fernandes Reymão, que morreu preso, Antônio Vaz, Antônio Nogueira, que foi acutilado, e um mulato por nome Antônio de Figueiredo, que eram pessoas que assistiam na casa dele Jerônimo de Mendonça'.

No forte do Brum teve o governador por carcereiro Antônio Jácome Bezerra, coronel de infantaria da ordenança da capitania, com honrosos serviços na guerra holandesa; a ele representou muitas vezes Mendonça Furtado contra a sem razão que lhe faziam, mas o coronel o entretinha com desculpas de que ia saneando alguns dos levantados e deixando entrever que tudo ia ter concerto" (Garcia, 1939, p. 121-123).

69. "D. João de Sousa e Fernandes Vieira, que eram seus mais encarniçados inimigos, fizeram espalhar que o governador vendera a terra aos franceses, que estes tinham metido muitas armas em um hospício que os Capuchos de sua nação mantinham no Recife, e que a qualquer hora que lhes parecesse acomodada haviam de levantar-se, entregando-se-lhes a praça que seria submetida a saque, assim como toda a capitania. Essas vozes lançadas por pessoas de autoridade e favorecidas pelas circunstâncias de achar-se a armada no porto, com gente em terra, ecoavam com toda a aparência de verdade, de modo que os moradores já se deixavam penetrar de algum receio e temor de que lhes sucedesse tal desgraça. Com isso iam os inimigos do governador dispondo o ânimo do povo para a resolução que vinham meditando, que era de qualquer modo livrarem-se de sua aborrecida autoridade. Ao governador chegou a notícia do que se dizia de sua atitude para com os franceses, e 'por divertir a Cizânia que a malícia de tão perversos homens semeava', fez cercar o Hospício dos Capuchos pelo próprio Terço do mestre de campo D. João de Sousa e dar rigorosa busca, que evidenciou a falsidade da acusação, porquanto não se achou ali a mais insignificante arma de fogo de qualquer outra espécie. Não obstante o resultado dessa diligência, que desmascarava a intriga dos amotinadores, não desistiram eles de seu intento de arrancar o governo da capitania das mãos de Mendonça Furtado. Para tanto continuaram a espalhar que ele entregava a terra aos franceses, convocando parentes e amigos para defendê-la" (Garcia, 1939, p. 120-121).

70. "Até a nomeação de Mendonça Furtado para o governo de Pernambuco, esse posto vinha sendo exercido por varões ilustres, que tinham tomado parte na campanha da restauração, a começar pelo mestre de campo-general Francisco Barreto, triunfador das duas batalhas dos Guararapes, que assumira antes no Arraial do Bom Jesús, em 16 de Abril de 1648, o governo das armas, e depois da vitória o governo da capitania até 16 de Maio de 1657, quando passou para o governo geral do Brasil; por André Vidal de Negreiros, a alma da rebelião, o seu fautor máximo, sem embargo das façanhas de João Fernandes Vieira, que seus panegiristas trombetaram aos quatro ventos; e por Francisco de Brito Freire, autor da *História da Guerra Brasílica*, participante da grande luta com relevo na parte final, almirante que era da frota libertadora de Pedro Jaques de Magalhães.

rei havia ordenado enviá-lo a Lisboa com ferros nos pés; que os franceses não tinham nada a temer e que para sua segurança particular ia postar um corpo de guarda de portugueses em sua porta, o que executou. Outro oficial apresentou escusas àqueles que haviam sido desarmados, devolveu-lhes suas espadas e castigou os que os haviam capturado, enquanto dois outros corriam a cavalo pelas ruas para impedir os portugueses e os negros que estavam agrupados em grande número de fazer qualquer insulto aos franceses. Aqueles que assediavam os capuchinhos foram dissipados. A Câmara em peso foi apresentar ao senhor de Mondevergue todas as espécies de assistência e de refrescos, e ordenou aos corpos de guardas nas praças de Pernambuco impedir a desordem.

Uma frota que estava na baía de Todos os Santos arribou logo após esse tumulto. A almirante saudou o pavilhão francês com treze tiros de canhão, que foram retribuídos tiro por tiro. Ela içou novamente as velas, composta por trinta navios carregados de açúcar e tabaco, com um rico galeão que voltava de Goa e outros lugares das Índias. O senhor Dom Mendonça foi embarcado na almirante e enviado a Lisboa⁷¹.

A este havia de ter bem recomendado à estima dos pernambucanos a ação de fazer recolher à sua casa o filho órfão de D. Antônio Felipe Camarão, – para o doutrinar e o ter com o tratamento que se deve ao muito que seu pai soube merecer no serviço da Corôa de Portugal’. A designação de um adventício para ocupar a investitura suprema na capitania, quando entre os principais da terra muitos estavam que a mereciam de direito pleno, não podia ser do contento geral e havia de criar o ambiente de hostilidades que inficionou Pernambuco desde seus primeiros atos.

Esses atos tendiam, aliás, à composição de certas diferenças existentes em Pernambuco, sobretudo às dívidas dos moradores, remissos ou negligentes no cumprimento de suas obrigações. No rol destes figurava o próprio Fernandes Vieira, que, sendo governador de Angola, tomara de Luiz de Mendonça Furtado, irmão de Jerônimo, pingue importância em fazendas vindas da Índia, que por seu justo preço valiam mais de 60.000 cruzados. O fato vem alegado na representação que Mendonça Furtado dirigiu ao rei no ano de 1666 [ver Anexo II], mandada ver no Conselho Ultramarino em 26 de Outubro de 1667, o qual, considerados outros precedentes conhecidos, não deve ser levado à conta de aleivosia. Dessa mesma representação colige-se que não foi diversa a origem do descontentamento do mestre de campo D. João de Sousa com o governador, que também lhe advirtira as obrigações de seu posto, de que só usava para suas conveniências particulares. D. João era um dos primeiros fidalgos de Pernambuco, filho de D. Luiz de Sousa e de D. Catarina Barreto, neto pelo lado paterno de D. Francisco de Sousa, o das Manhas, o governador do Brasil duas vezes, e pelo materno de João Pais, do Cabo, senhor de dez engenhos e em seu tempo pessoa das principais da Capitania. A D. João constrangeram o governador ao pagamento de algumas dívidas e dera ajuda e favor para que se cobrassem outras de seus primos João Pais de Castro e Estevão Pais Barreto a várias pessoas da praça. Com João Pais Barreto, também seu primo, tinham estas dívidas e diferenças sobre questão de herança, porque não queriam dar a parte que tocava à irmã, com quem o mesmo João Pais Barreto tinha amizade de muitos anos, com muitos filhos, sem querê-la receber por legítima mulher enquanto se não efetuasse a partilha dos bens. Nesse caso de família achou de intervir o governador, não só para compor as desavenças, mas ainda para reprimir o escândalo que disso geralmente havia; mas de sua intromissão honesta em bem dos costumes de seus governados devia resultar-lhe a desafeição daqueles poderosos, que foram chamando à sua parcialidade muitos parentes e amigos, entre eles os oficiais da câmara da vila de Olinda naquele ano de 1666, André de Barros Rego, João Ribeiro, Lourenço Cavalcanti e Domingos Dias Suevo” (Garcia, 1939, p. 114-115).

71. “Alguns dias depois da prisão [de Mendonça Furtado] chegou a frota que vinha da Baía a buscar os navios do porto de Pernambuco; nela fizeram embarcar o governador, entregando-o ao almirante Vitório Zagalo, para que o levasse preso a Lisboa, ‘sem lhe dar nem ainda o necessário para o trato e uso de sua pessoa e matalotagens para a viagem’” (Garcia, 1939, p. 123).

Soube-se depois que ele tinha se justificado muito bem [ver Anexo II] e foi restituído a seu governo⁷².

Os diretores franceses fizeram duas remessas semelhantes: uma que puseram numa nave flamenga e outra numa “biscaína”, que faziam parte dessa frota. O senhor de Mondevergue tinha mandado agradecer aos senhores da Câmara do Governo do Brasil [sic], pelo Padre Antoine, Guardião dos Capuchinhos⁷³, pelas gentilezas que haviam tido para com ele. Eles se esforçaram para ultrapassá-lo em civilidades e permitiram-lhe que entrasse as naves no porto: o que Dom Mendonça havia sempre recusado. Rogaram-lhe que isto só se desse após a partida da frota. Assim que ela foi perdida de vista, o Terron, a Duchesse e a La Paix ali foram recebidos e reparados.

Entrementes, o primeiro mestre de campo, Dom João de Sousa, como o oficial mais considerável, fez presentes, em seu nome, à frota francesa. É um pequeno comércio que os comandantes não costumam perder; e por quatro novilhas, três dúzias de galinhas, dezoito perus, uma frasqueira com nove frascos de águas de cheiro, duas grandes caixas de doces e de pastilhas de comer, agraciou-se-o com dezesseis anas de pano escarlata, uma peça de popelina, um bellissimo par de pistolas e dez mosquetões.

No vigésimo quarto dia de outubro, o senhor de Mondevergue, tendo sido conduzido até fora do Recife pelos senhores da Câmara e o senhor Dom João de Sousa, subiu à almirante francesa ao tronar dos canhões dos fortes e das naves. Os diretores compraram três negros, por quinhentos francos cada, dois dos quais eram bem destros em pescar em alto-mar sobre três pedaços de madeira cavilhados juntos, que eles chamam jangada⁷⁴; e o outro sabia fazer telhas e louças. Compraram

-
72. “Souchu de Rennefort, mal informado, escreveu que Mendonça Furtado, chegando a Lisboa, se justificou plenamente e foi restituído ao seu governo. Em Outubro de 1669, mais de um ano depois dos sucessos aqui referidos, ainda curtia naquela cidade dura prisão, da qual conseguiu fugir para refugiar-se em Castela, onde seu irmão estava feito marquês por intervenção do Maquês de Liche. Tempos depois passava a Portugal: mas os maus fados perseveraram em oprimir seu destino, porque, partidário de D. Afonso VI, a quem o irmão D. Pedro tirara o trono e a mulher, a bela e virgem rainha S. Maria Francisca Isabel de Savóia, Mademoiselle de Aumale, entrou, em 1674, com Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mor de Mourão, e outros fidalgos, grandes e gente mecânica na conspiração do secretário Antônio Cavide, que tinha por fim restituír a coroa ao rei abdicário, com o auxílio de Castela, dando em pagamento as ilhas e o Brasil. Preso, sentenciado à morte, comutada a pena em degredo perpétuo na Índia, aí foi morrer infamado e esquecido” (Garcia, 1939, p. 124). Coube ao vice-rei, Vasco de Mascarenhas, Conde de Óbidos, evitar um confronto maior com os conspiradores. De 31 de julho de 1666 a 24 de janeiro de 1667 o governo da capitania foi exercido por uma junta. O vice-rei nomeou então como governador André Vidal de Negreiros, cuja gestão, entretanto, durou meio ano (de 24 de janeiro a 13 de julho de 1667), sendo substituído por Bernardo de Miranda Henriques.
73. Antoine de Nantes – Fez-se capuchinho em 1630. Entre 1648 e 1649 esteve no convento de Mayenne. Mediante licença de 1654, passou a Pernambuco, onde, a partir de 1662, tornou-se superior de seus confrades (Gabielli, 2009, Anexo 2).
74. Já em 1500, em sua carta ao rei de Portugal, Pero Vaz de Caminha assinalava: “[...] alguns deles se metiam em almadias [jangadas], duas ou três que aí tinham, *as quais não são feitas como as que eu já vi. São somente três traves atadas juntas* [nossa ênfase]” (*apud* Teixeira & Papavero, 2006, p. 14). Gandavo (1576, fólho 36v) confirma: “Também se sustentam do muito marisco & peixes q’ vam pescar pela costa em *jágadas, q’ sam hús tres ou quatro paos pegados nos outros & jutos, de modo q’ ficam á maneira dos dedos de hũa mão estendida* [nossa ênfase], sobre

também três cavalos, dois jumentos e um potro para levar a Madagascar, onde não havia nenhum desses animais. Não puderam ter notícia alguma de um soldado que, tendo rompido o convés da nave Saint-Charles e arrombado uma barrica com prata, após haver tomado quinhentas peças de oitava e tendo passado sozinho em uma chalupa que havia deixado no Recife, fugira para o Brasil. Os diretores, embarcados por último, dirigiram-se ao conselho que se fazia na almirante, em que se estabeleceu que, caso as naves se separassem, o ponto geral de encontro seria na Baía da Mesa, no Cabo da Boa Esperança.

CAPÍTULO VII. PARTIDA DO RECIFE DIANTE DE PERNAMBUCO. CHEGADA À BAÍA DA MESA, NO CABO DA BOA ESPERANÇA.

A frota, composta de todas as naves que haviam partido da França (excetuada a urca Saint-Denis, que não mais aparecera desde Tenerife), da fragata La Paix, que fora adquirida pelos espanhóis, da urca Saint-Jacques, que havia sido achada no Brasil, e de uma pequena nave chamada Sumaca, que os diretores tinham obtido dos portugueses, içou âncoras defronte de Pernambuco no segundo dia de novembro, às oito horas da manhã, e perdeu a terra de vista às quatro horas da tarde. Deve-se notar, para aqueles que vão navegar, que o porto do Recife diante de Pernambuco está cheio de rochedos e âncoras, pois aqueles que ali fundearam foram forçados a deixá-las; e, como os cabos ali se rompem pela menor agitação, as naves correm o risco de

os q'ês podem yr duas ou tres pessoas, ou mais se mais forê os paos, porq' sam muy leues & soffrê muito peso encima dagoa". Em 1667, Frei Dionigi Carli da Piacenza também mencionaria esse mesmo intrigante tipo de jangada feito de três troncos: "Vimos também uma quantidade de negros que pescavam desta maneira: tomam três troncos grossos de coqueiro [nossa ênfase] – portanto levíssimos – atados uns aos outros a distâncias bem calculadas para ficarem bem triangulados. No meio destes está plantada uma vara em cuja extremidade vai amarrado um saquinho de farinha de pau (fazem-na de raízes secas ao sol e depois moídas) que serve ao negro para alimentar-se quando tem fome, por ser ela o pão do Brasil. Este senta no tronco do meio – com a ponta do pés nos troncos laterais – e pesca com uma corda feita de uma erva – negra tal como ele – no fim da qual há uma bola de ferro com quatro ou seis anzóis. Colhe uma grandíssima quantidade [de pescado] e são peixes de catorze ou quinze libras cada um. O mais curioso é que [com] o mar fazendo as ondas costumeiras, o negro ora aparece, ora não se vê – e nós certamente poderíamos crer que estivesse sentado sobre a água, porque de longe não se podiam perceber aqueles troncos sobre os quais estava sentado sem o mínimo perigo de molhar a roupa, porque não a tem" (*apud* Papavero & Teixeira, 2015, p. 51).

Segundo Dalgado (1919, p. 482), no verbete "jangada", "O seu verdadeiro étimo é o malaiala *chaṅgādam*, 'balsa, dois barcos ligados para passagem dos rios'. [...]. Mas *chaṅgādam* filia-se no sânsc. *saṅghaṭṭa* (derivado do verbo *saṅghat*), 'união, junção, coesão', o qual tomou em concani e marata a forma de *sāṅgaḍ*, e o significado de 'junção de dois ou mais objetos iguais', como duas embarcações, dois molhos, dois ou mais madeiros. O conceito fundamental é o de 'juxtaposição ou contraposição'. Como curiosidade, mencionaremos que, no verbete "catamaran", o mesmo Dalgado (1919, p. 231) diz: "Jangada de três ou quatro pranchas, usada na costa de Choromândel. Do tam. *kaṭṭumaram*, *kaṭṭu*, 'ligadura', *maram*, 'pau'".

serem esmagadas pelo Recife – eis por que é melhor permanecer um pouco longe. No décimo dia de dezembro a frota teve o sol por zênite pela terceira vez em sua viagem, até Abrolhos, por estimativa, a cem léguas em direção ao oriente; no décimo segundo dia de dezembro, a ilha da Trindade foi avistada; de longe, é um rochedo no meio de outros quatro menos elevados, que parecem pães de açúcar: esse aspecto se perde quando se lhes aproxima, e as rochas baixam, pela vista das terras que existem entre elas. Após três dias de navegação passavelmente boa, à meia-noite do décimo quinto para o décimo sexto dia de dezembro, a terra mostrou-se, graças ao clarão da lua. Ela ficou distanciada durante a noite, e aproximada pela manhã, reconhecida como Cabo Falso, que fica na África. No décimo sétimo dia desse mês, a frota entrou na Baía da Mesa, no Cabo da Boa Esperança.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o historiador Evaldo Cabral de Mello (1997), o empenho das forças locais em dar fim ao domínio batavo trouxe consigo forte impacto na formação da mentalidade e do imaginário das elites do açúcar da capitania. Forma-se um nativismo nobiliárquico, que passa a reivindicar estatuto especial, um tratamento diferenciado por parte da Coroa. Autorreputados como os mais fiéis vassalos de todo o império português, esforçam-se para estabelecer novas relações com a Coroa, exigindo foros especiais, privilégios e honrarias pelos valorosos serviços prestados.

Na guerra da restauração, a “nobreza da terra” empenhara grandes esforços para libertar a capitania do jugo holandês. A expulsão dos holandeses teria sido feita “à custa de nosso sangue, vidas e fazendas”, uma obra de fiéis vassalos da Coroa portuguesa, que, não bastando o ato heroico da guerra, devolveram a capitania à tutela portuguesa. Dessa forma, a segunda metade do século XVII se apresenta como um período de tensões e frequentes disputas políticas na capitania, inicialmente uma particular tensão entre a açucarocracia representada na Câmara de Olinda e os representantes do poder régio na capitania. É também nesse período que a Câmara de Olinda passa a desempenhar papel mais proeminente, pois servirá de palco para a expressão das aspirações da nobreza local. Sintomático dessa proeminência é a deposição do governador Mendonça Furtado em 1666. A Câmara de Olinda, reduto da autointitulada “nobreza da terra”, dominada pelos orgulhosos “filhos e netos dos restauradores”, através dos seus oficiais, rechaçava a presença de comerciantes na instituição por não possuírem estatuto de “homens bons”. Na verdade, além de honras, privilégios e foros especiais, os descendentes dos restauradores pretendiam reservar para si o controle político da capitania, não admitindo a interferência de elementos alheios ao seletivo grupo das “mais antigas e melhores famílias da terra” (Mello, 1995).

A Câmara de Olinda articulou contra o governador graves acusações de que administrava como um tirano; interferia no funcionamento do judiciário; executava dívidas; sequestrava bens, em especial nos engenhos e nos partidos de cana; prendia e soltava a seu talante, em troca de dinheiro; praticava irregularidades contra o erário, quando teria embolsado um quinhão da receita do chamado “donativo da rainha da Inglaterra e paz de Holanda” (imposto lançado para a satisfação do dote de D. Catarina de Bragança, irmã d’El Rei); infringira o monopólio comercial, permitindo o comércio com franceses, e embarcara por conta própria o pau-brasil pertencente ao estanco régio; recunhara moeda em sua casa; acumpliciava-se com devedores da fazenda real; quebrara imunidades eclesiásticas; introduzira ilegalmente um amigo no cargo de ouvidor e desobedecera a ordens emanadas do vice-rei, conde de Óbidos e, finalmente, considerado o cúmulo do atrevimento, mancomunara-se com o comandante de uma frota francesa, o marquês de Mondevergue, para entregar a terra ao Rei Cristianíssimo (Mello, 1995).

Assim, a presença no Recife de uma frota francesa comandada pelo marquês de Mondevergue, governador de Madagascar, proporcionou a ocasião para o golpe contra Xumbergas. A “nobreza da terra” espalhou o boato de que Xumbergas vendera a terra aos estrangeiros. Depois da sua prisão, tratou-se de acalmar a população, que, dando crédito ao boato, exigia a morte dos franceses, chegando mesmo a desarmar e deter alguns, obrigando os demais a refugiar-se no convento da Penha, a que logo se pôs cerco, como pode ser visto no relato de Souchu de Rennefort.

Segundo a tese de Mello (1995), a animosidade entre o vice-rei, Vasco de Mascarenhas, e Xumbergas viera à tona logo à chegada do governador a Pernambuco, o que faz supor que tivesse a ver com velhas rixas, quem sabe, de famílias. Ou então com as lutas de facção em que a nobreza portuguesa se entredevorou durante o reinado de D. Afonso VI. Há boas razões para crer que o conde de Óbidos deu à Câmara de Olinda e à “nobreza da terra” o sinal verde para a deposição de Xumbergas. O conde de Óbidos, para manter as aparências, dirigiu à Câmara uma admoestação oficial, manifestando seu “grande sentimento” de ver que “no tempo do meu governo sucedesse um desalumbramento e desordem tão grande”.

Além de todos esses problemas, o governador trouxera em sua companhia dois filhos, que, fiados no poder do pai, fizeram desatinos e turbulências nas queixas dos moradores de Olinda e Recife (Pereira da Costa, 1952).

Segundo Carvalho (1906, p. 75) e Pereira da Costa (1952, p. 302), a lira popular dedicou vários versos à saída de Xumbergas, compondo várias cantigas que tiveram muita voga, entre as quais:

O Mendonça era furtado
Pois dos paços o furtaram;
Governador governado,
Para o reino o despacharam.

A peste já se acabou;⁷⁵
Alvíssaras, ó gente boa!
O Xumbergas embarcou,
Ei-lo vai para Lisboa.

Por outro lado, os chamados “nobres” de Olinda, que alegavam a sua nobreza por serem descendentes dos restauradores de Pernambuco do domínio holandês, eram quase sempre senhores de engenho. Após o incêndio e o saque perpetrados em Olinda pelos mercenários pagos pela WIC (West Indische Compagnie, ou Companhia das Índias Ocidentais) em 1631, mesmo depois da guerra, as residências dos “nobres” não foram restauradas, e eles passaram a residir com suas famílias nos seus engenhos no sul e no norte da capitania, só aparecendo em Olinda para as sessões da Câmara ou da Santa Casa de Misericórdia. Só muito lentamente a restauração dos edifícios religiosos foi sendo empreendida, a partir de 1654 e ao longo do século XVIII, mas o aspecto geral da cidade era de ruína. Aliás, esse aspecto decadente está presente no próprio relato de Souchu de Rennefort.

Durante o episódio da chamada Guerra dos Mascates, que a história oficial faz passar por um conflito municipal, as tropas de Olinda eram chamadas ironicamente de “pés rapados” pelos “mascates” do Recife. No entanto, nos dois lados o grosso dessas tropas era formado basicamente por negros escravos e pelos remanescentes das tribos indígenas que faziam as vezes de “bucha de canhão” para a “nobreza da terra” e para a burguesia reinol do Recife.

75. Sobre esta “peste de bexigas” ou “bexigas do Xumbergas” escreve Pereira da Costa (1952, p. 354-355), citando Rocha Pitta e Loreto Couto: “No ano de 1665 e no seguinte de 1666 experimentou o Brasil uma das maiores calamidades, que padecera desde o seu descobrimento e conquistas, precedendo um horroroso cometa, que por muitas noites tenebrosas, ateadado em vapores densos, ardeu com infesta luz sobre a nossa América, e lhe anunciou o dano que havia de sentir; porque ainda que os meteoros se formam de incêndios casuais em que ardem os átomos, que subindo da terra chegam condensados a esfera, as cinzas em que se dissolvem, são poderosas assim a infeccionar os ares para infundirem achaques, como a descompor os ânimos para obrar em fatalidades; tendo-se observado que as maiores ruínas nas repúblicas e nos viventes trouxeram sempre diante estes sinais. Tal foi o que apareceu no Brasil um ano antes dos estragos, que se lhe seguiram’.

Essas ruínas e esses estragos a que se refere o autor foram causados por uma horrível epidemia de bexigas que irrompeu após o aparecimento do cometa, de tudo o que, detidamente se ocupa.

Por sua vez, o nosso cronista Loreto Couto, em seguida, também se ocupou do assunto, igual e largamente discreteando, e do que consignamos: que o cometa que apareceu em 1664, já se havia visto quarenta e seis anos antes, a saber, no ano de 1618, e muitas outras vezes, retrocedendo de igual em igual tempo, pouco mais ou menos, segundo as notícias que se acham nas memórias da antiguidade; e que bem poderia supor, que com aquele cometa prognosticou o céu a Pernambuco a fatal calamidade que havia de sentir com o rigor das bexigas, que chamaram do Xumberga, por grassar em tempo que governava estas províncias o capitão-general Jerônimo Mendonça Furtado por autonomasia o Xumberga”.

Com relação à teoria sobre as causas das pestes, escreve Loreto Couto (1981, [1757]): “Duas são as causas da peste no mundo, uma causa natural, e outra causa moral; a causa natural são os Astros e os Elementos; a causa moral são os nossos pecados: das malignas influências dos Astros se origina a peste, e conforme a observação dos Matemáticos a conjunção dos Planetas Saturno, e Marte no signo de Geminis, são causa destas malignas influências. Também os Elementos são causa da peste, quando se corrompe o Ar por demasiada humidade, ou pelo excessivo calor, mas a principal, e mais formidável causa da peste são os pecados”.

Na época a população de Olinda, que pouco tinha a ver com a beligerância entre as classes dominantes, era formada basicamente por pequenos comerciantes, artesãos, pescadores, funcionários públicos subalternos, militares de baixa patente, uma crescente população negra de escravos e libertos, religiosos que ainda habitavam os seus mosteiros e igrejas em ruínas. Assim, verdadeira decadência de Olinda não começou em 1711 na Guerra dos Mascates, mas bem antes, com a ocupação holandesa em 1630, e se perpetuou ao longo dos séculos, até perder a sua condição de capital da província para o Recife no século XIX.

Hoje (quem diria?), a cidade de Olinda pouco guarda da sua antiga opulência, sendo apenas uma espécie de “cidade-dormitório” e mais um município do chamado “grande Recife”.

ANEXO I

TEXTO ORIGINAL DE SOUCHU DE RENNEFORT (1688A) REFERENTE À ESTADA DO MARQUÊS DE MONDEVERGUE NO RECIFE

[PÁGINA 196]

CHAPITRE III. DÉPART DE L'ISLE DE TENERIFFE, ROUTE JUSQU'AU BRESIL.

Le quatorzième jour de May [1666] l'Amiral fit signal/ aux autres Vaisseaux de se preparer au depart quit/ fut le lendemain à la pointe du jour. Ils passerent tous/ entre Teneriffe, la grande Canarie, & la Gomire. Le/ vingt-septième au matin on s'apperceut que l'Isle de/ Sel une des Hesperides, ou de Cap Verd, demeueroit/ derriere. L'Isle de Bonneviste fut découverte & dou-/blée. Elle est fort longue. Ses terres basses n'estoient/ habitées que de quelques Pastres Portugais qui nour-/rissoient des Cabris. Le dix-huitième Juin le Tonner-/re tomba sur le grand mast du Vaisseau le S. Charles, &/ le perça dans le/ milieu depuis le haut de la premiere hune/ jusques à une brasse près du tillac. On trouva des pois-/sons volans rostis dans le trou qu'il fit par la vertu de ce/ meteore. Le vingt-cinquième le Cap de Palme qui est à/ la côté de Guinée parut, quoyqu'aux estimes des Pi-/lotes on en dût estre à plus de cent lieuës. Il assûre-/rent que des grandes marées inconuës avoient porte//

[PÁGINA 197]

vers l'Orient & sur la longitude des conducteurs de la/ navigation: la Flotte estoit inévitablement perduë si/ elle avoit approché la terre en pleine nuit. Il fut son-/dé & trouvé trente-cinq brasses de fond. On reprit le/ large, & le lendemain vingt-sixième on se vit encore/ fort près de terre: on y mouïlla à trente brasses d'eau./ Cette coste

est fort platte & remplie d'arbres. Le vingt-/septième les ancrés de tous les Vaisseaux furent levées,/ sur ce que les voiles de l'Amiral estoient au vent: il/ avoit esté contraint de les y mettre, son cable ayant/ esté rompu par une roche à quinze brasses de l'ancre./ Il ne faisoit pas signal de partir; cependant ils vogué-/rent tous, s'y trouvant prests./

Le quatrième Juillet la ligne fut passée; & pour évi-/ter la ceremonie du baptesme & quelque réjouissance/ dans des Vaisseaux dont le mauvais estat & les méchan-/tes provisions avoient rendu plus de la moitié des équi-/pages & des passagers malades, on donna quelques pie-/ces de huit aux matelots. La hauteur ayant esté prise/ ce mesme jour, & la Flotte à demy degré de la ligne/ vers le Midy; Monsieur de Mondevergue fit arborer/ le Pavillon quarré a/ grand mast du Vaisseau le S. Jean/ & tirer onze coups de canon, tous les autres le salué-/rent & le reconnurent Amiral de France par de-là l'é-/quateur./

Les calmes qui regnent ordinairement sous la Zone/ Torride, & qui y firent languir cette Flotte quelque/ temps, causent tous les maux des navigations entre les/ Tropiques. Les boissons & les vivres s'y corrompent;/ les corps s'extenuent par le long usage des viandes acres//

[PÁGINA 198]

dont on ne peut s'exempter manque de vent pour pas-/ser ces climats avec la mesme diligence que l'on navi-/ge sous la Zone temperée. L'incommodité & le grand/ peril des voyages, après l'inexperience de ceux qui en/ ordonnent les équipages & les provisions, est dans la/ distance des pauses./

Le 7. les Directeurs & tous les Officiers assemblez par/ Monsieur l'Amiral, conclurent que le Terron & la Paix/ cherchoient le Bresil pour s'y radouber, & que le re-/ste de la Flotte continueroit sa route vers le Cap de/ Bonne Esperance. Le 13. cette deliberation fut changée,/ & l'on arresta que toute la Flotte dont les équipages/ estoient trop affoiblis pour manoeuvrer pendant une si/ longue Navigation, ancreroit au Bresil deuant Fernam-/bouc pour se rafraichir. Le 21. elle se rendit à la veuë/ de cette terre à la hauteur de huit degrez cinquante/ minutes de latitude meridionale au travers du Cap/ de S. Augustin. Ce Cap n'est pas élevé, & se fait vois de/ figure ronde avec deux arbres forts hauts & une peti-/te Chapelle. Il paroît vers l'Occident une montagne/ en forme de fer à cheval./

Le Houcre de S. Jaques un des deux qui estoit par-/ty de France avant cette Flotte pour l'Isle Dauphine,/ & qui s'é-/toit égaré du Houcre S. Louïs sa conserve,/ estoit à l'ancre en cet endroit. Les Directeurs étonnez/ de sa mauvaise navigation & de ce que le Capitaine/ bien loin/ d'achever le voyage, marchandoit à le/ freter de sucre pour Lisbonne, firent/ informer de sa conduite & luy en oste-/rent le commandement.//

**CHAPITRE IV. ARRIVÉE DE MONSIEUR DE MONDEVERGUE AU
BRESIL. DESCRIPTION/ DE LA VILLE DE FERNAMBOUC.**

Le Gouverneur de Fernambouc ayant esté com-/plimenté par un Officier François, envoya un/ Capitaine Portugais, & son Aumônier offrir à Mon-/sieur de Mondevergue tous les rafraichissements qui/ seroient necessaires à ses Vaisseaux. Ils estoient encore/ sous les voiles cherchans à se mettre à bon ancrage. Ils/ s'arrêterent, & salüerent le Fort des Portugais qui ren-/dit cop pour coup./

Le 26. Juillet, le Gouverneur fit present à la Flotte/ de vingt-quatre boeufs, six cochons, douzes caisses de/ sucre, vingt-/quatre petits barils de confitures, trois/ cens cocos, & quantité d'oranges & de citrons: ce qui/ fut estimé mille écus./

Le 28. Monsieur de Mondevergue accompagné des/ sieurs de Faye & Caron, & de presque tous les princi-/paux François, s'estant mis en Chaloupe pour décen-/dre à terre, le Gouverneur en partit dans la sienne/ suivie de six autres remplies de Noblesse Portugai-/se; Cependant les Vaisseaux tiroient Pavillon haut,/ & les Forts/ salüoient Pavillon bas. Les Chaloupes des/ deux Generaux s'estant jointes, Monsieur de Monde-/vergue passa dans celle du Gouverneur qui estoit pa-/rée de velours vert avec de la crépine d'or: ils ne pri-/rent auprès d'eux que le sieur Dandrade Gentilhomme//

Portugais qui faisoit les affaires des François au Bresil,/ & le sieur Dandron Capitaine des Gardes de Monsieur/ de Mondevergue, les autres suivirent dans les Chalou-/pes où ils s'estoient embarquez; & tous estans arrivez/ à terre formerent un gros autour de Monsieur de/ Mondevergue, qui fut conduit par le Gouverneur au/ travers de Fernambouc, entre deux hayes de Bourgeois/ sous les armes, dans son Palais qui est dans une petite/ Isle, où le dîner estoit magnifiquement préparé. Il/ s'y mit à table cinq François & cinq Portugais. Le/ soir le Gouverneur ayant mené Monsieur de Monde-/vergue au plus bel appartement, il luy fit servir à sou-/per en ceremonie par ses Officiers precedez de quan-/tité de flambeaux & de trompettes. Ce Palais estoit/

autrefois celuy du Prince Maurice de Nassau, qui l'a-voit fait bâtir du temps qu'il estoit General du Bresil/ pour les Hollandois. Les arbres de cocos, les orangers/ & les citroniers y formoient des allées qui ne recréoient/ pas moins la veuë que l'odo-rat./

Fernambouc est sur une langue de sable entre la/ plaine Mer & un petit bras que l'on nomme la riviere/ Sallée. Cette Ville est ronde, & ne contient pas plus de/ trois cens maisons peu bien bâties, les autres tres-mal/ & toutes d'un étage seulement, la Paroisse est au milieu./

La petite Isle est separée de la Ville par ce bras de/ Mer, & y est rejointe par un Pont fort étroit, & long de/ quarante-cinq arches, les unes de pierre, les autres de/ bois; ces dernieres pour faciliter le passage du flux & re-/flux, & les autres pour soutenir plus solidement le Pont./ Cette Isle qui se nome S. Antoine, contient cent mai-/ sons//

[PÁGINA 201]

sons d'habitans, non comprises trois de Religieux, une de/ Recolets assez belle, une de Jesuites qu'ils rebâtissoient,/ ces deux estoient de Portugais, & l'autre de Capucins/ François. Il regne le long du Bresil un banc de roche/ qui borde la coste Meridionale del'Amérique plus de/ sept cens lieuës & jusques au détroit de Magellan: on/ le nomme le Récif en ce Pays. Il est rompu naturel-/lement d'espace en espace, & fait des havres comme á/ l'endroit de Fernambouc, qu'on estime estre la meullie-/ re place d'Amérique. L'entrée du Port estoit deffen-/duë par un Fort bâty sur le roc à la pointe de la Barre/ du Récif perpendiculaire & à fleur d'eau de haute-mer,/ & par un grand Fort Royal revêtu d'une palissade de/ pieux au plus estroit de la langue de sable sur laquelle/ est Fernambouc, vis-à-vis le Fort du Recif. Deux autres/ Forts couvrent la Ville vers la terre, un en triangle du/ côté de l'-Occident, & l'autre à cinq pointes au Midy./

Le 8. jour d'Aoust, le Gouverneur fit une Feste pour/ divertir Monsieur de Mondevergue. Seize Cavaliers/ fort lestes & bien montez, se rendirent au bout de la/ principale ruë de Fernambouc du côté de la Mer, &/ avec des demy-piques coururent chacun quatre fois la/ bague qui pendoit du milieu d'une corde tenduë au/ travers de la ruë; plusieurs la jeterent par terre, & deux/ seulement l'emporterent. De cette façon de courir la/ bague, il est tres-difficile de l'enfiler. On mit ensuite/ un Pigeon à la place de la bague, les deux qui l'avoient/ emportée la coururent, & le prix fut donné au plus/ adroit. Les Chevaliers se separerent après en deux qua-/drilles, & s'estant couverts les bras gauches de gran-/

[PÁGINA 202]

des targes de cuir en forme de boucliers, ils combat-/tirent avec des oranges fort plaisamment & avec beau-/coup d'adresse./

CHAPITRE V. DESCRIPTION DE LA VILLE D'OLINDE. HABITANS DU BRESIL, LEURS/ MOEURS, LES ANIMAUX & LES FRUITS DU PAYS.

A une lieuë & demie de Fernambouc, du côté du/ Nord, est la ville d'Olinde, autrefois fort belle/ & aussi grande qu'Orleans avant que les Hollandois l'eussent rüinées: elle est située sur quatre petites mon-/tagnes, dont les costeaux sont d'un tres-agreable aspect./ Il y restoit quelques maisons & des mesures qui mar-/quoient son éclat passé. La maison des Jesuites qui/ estoit encore entiere sur un des ces côteaux, a cousté plus/ de douze cens mille francs à bâtir. Il y a aussi des Be-/nedictins, des Capucins, des Cordeliers & des Carmes./

Tout le Bresil est un bon Pays, mais mal cultivé,/ le meilleur revenu des Portugais est en sucre & en ta-/bac. Pour le bois de Bresil, le Roy seul le fait debiter/ avec défence à toute personne d'en vendre sur peine/ de la vie: Vers la Baye de tous les Saints, qui est six vingts/ lieües au Midy plus que Fernambouc, on trouve le/ baume noir & le blanc. Il y a au Bresil quantité de fruits/ qui seroient fort bons s'ils estoient antez, des oranges/ douces & aigres fort belles, les citrons petits, & les li-/mons tres-gros. Ils les confisent & les envoient en//

[PÁGINA 203]

Europe. Il y a des manguas de mesme chair, & un peu/ plus gros que des nefles, des pistangues plus gros &/ approachans du goût des cerises, & qui ont la peau gau-/deronnée; des pommes d'Acachou fort douces, plus gros-/ses que des reinettes, elles portent à la tête une façon/ de chastaigne qui se garde & se mange rostie. Le mar-/goviasso gros comme une poire de bon Chrétien,/ plein d'une espece de mortier & de pepins que les Portugais mangent avec delice, mais les François le trou-/vent trop amer: Le coco & l'anas excellens fruits:/ Le raisin, les melons, concombres, citrouilles, melos/ d'eaux, les poix, les féves, les choux, les lactües romai-/nes, la

chicorée qu'ils mangent verte, ne s'avisans pas/ de la faire blanchir; le pourpier tres-commun: Les oi-/gnons aussi rares qu'ils en sont friands, & ils y vallent/ cinq sols la piece.

Il y a des Autruches & des Perroquets de fort beau/ plumage, beaucoup de bestes sauvages, Tigres, Onces,/ & Coutis, ce dernier est un animal de la nature plus/ petit & plus méchant qu'un Tigre. Les Capucins em/ élevoient un à qui ils avoient arraché les dents en sa/ jeunesse, & malgré cette précaution, il étendoit son/ desordre aussi loin que le permettoit as chesne. Il/ s'y voit quantité d'animaux nommez Ents, de la/ hauteur d'un Asne, qui ont autant de chair que le/ plus gros boeuf, quantité de cochons privez & sal-/vages, entre autres d'une espece qui a le nombril sur/ le dos, des rats que l'on rôtit & que l'on mange à la/ sauce douce. Il sont roux faits comme des écureüils,/ & ont le goût de lapin: Des fourmis plus grosses que le/

[PÁGINA 204.]

doigt, qui font des magasins aussi élevez que les pi-/les de foin dans les prairies de France: Un animal/ nommé Taffu, de la grandeur d'un chien, couvert/ d'écailles fort dures & tres-belles, il se fourre en terre/ comme le Renard: Des Vaches, des Chevreüils, des/ Cabrits, des Moutons, & des Poulles. Les Capucins/ dirent avoir veu des Couleuvres grosses comme un de-/my-muid & longues de cinquante pieds. Il y a un ser-/pent nommé Cobre Veado par les Portugais, long de/ trois à quatre brasses & fort gros; les Brasiliens le man-/gent. Ils échauffent une fosse, le couchent dedans, le/ couvrent de terre & de bois par dessus, auquel ils met-/tent le feu; le lendemain se trouvant cuit, ils en font/ grande chere. Il se rencontre une autre sorte de serpens/ fort dangereux, mais qui font grand bruit en mar-/chant, ce qui fait qu'on les évite: les Portugais les/ nomment Cascavelles. Ils ont autant des noeuds à la/ queuë qu'ils ont d'années, & font un cliquetis qui aver-/tit de leur approche. Le Bresil est habité de quatre/ sortes de gens: les Portugais y sont les maîtres & oc-/cupent les Villes: ils ont chassé les Hollandois des lieux/ qu'ils y avoient pris: ils vivent dans une grande li-/cence, sont jaloux de leurs femmes de telle maniere/ qu'elles sortent si peu qu'elles passent quelquefois des/ années sans aller à l'Eglise. Ils dorment ou fument, &/ n'ont gueres d'autres meubles que des branles de cotton/ & des/nattes: les plus somptueux ont une table & des/ chaises de cuir façonné: quelques-uns se servent de/ vaisselle d'argent, la plus grande partie de vaisselle de/ terre. Ils marchent vestus de nois à la Française, por-/

[PÁGINA 205]

tent tous l'épée & le poignard, & l'équipage de plus/ qualifié n'est ordinairement point different de celuy/ du moindre artisan./

La seconde sorte d'Habitans sont les naturels du/ païs, nommez Indiens par les Portugais; ils demeurent/ dans les Villages ou Aldées, sont rouges & vont nuds,/ excepté une petite piece de toile que les femmes por-/tent devant elles depuis la ceinture jusques aux cuisses./ Ceux qui demeurent proche des habitations Portugai-/ses sont Chrétiens & administrez par des Missionai-/res Capucins & Jesuites. Les Aldées des autres sont or-/dinairement sur le bord des Rivieres, composées de/ nombre de grandes maison bâties de gros troncs d'ar-/bres & couvertes de feüilles. Il se trouve sous un de ces/ toicts jusques à cinquante familles separées par des feüil-/lages. Le plus vieil de chacune ordonne aux autres ce/ qu'ils doivent faire, & le plus âgé est le Chef de l'Al-/dée, qui porte son nom; elle en change quand il vient/ à mourir pour prendre celuy de son successeur. Ils cou-/chent dans des branles de cotton attachez aus piliers/ de leur bastiment, entretiennent du feu pendant la nuit/ auprès d'eux, croyant qu'il chasse le Diable, dont ils/ paroissent apprehender l'approche./

Il y a une autre espece d'Habitans que les Portu-/gais nomment Tapoujas, plus grands & plus gros d'un/ quart que ceux dont on vient de parler; ils sont Ido-/lâtres./ Quand quelqu'un d'entr'eux est si malade qu'ils/ jugent qu'il n'en guerira pas, ils le tuënt pour l'em-/pêcher de languir & le mangent: ils mangent aussi/ les étrangers quand ils les attrapent, & leurs ennemis/

[PÁGINA 206]

quand ils les prennent. Ils n'ont point d'habitation/ plus proche de la mer que quarante lieuës, se gouver-/nent par Aldées comme les autres Brasiliens, & n'ont/ de difference, sinon que ceux-cy sont plus grands &/ antropophages. On/ en connoist soixante seize Nations/ sujettes à autant de Seigneurs qui ont des Chefs d'Al-/dées sous leur obeïssance. Ils se faisoient la guerre/ quand il n'y avoit point d'Européens au Bresil. Lorsque/ les Portugais & les Hollandois y ont esté en querelle,/ ils se sont rangez du costé qui leur a plû, & ont com-/battu pour les uns & pour les autres. Leurs armes sont/ des arcs, des flèches, des dards, & des masses de bois/ fort dur. Ils se servoient d'os de cuisses d'hommes pour/ trompettes avant que les Portugais leur eussent donné/ des instruments d'airain. Ils sont fort redoutez des au-/tres Indiens, dont cent ne peuvent pas resister à tren-/te Tapoujas./

Ils boucannent la chair, faisant un petit feu sous/ une rangée de baguettes élevées de trois pieds de terre/ par quatre fourches, sur lesquelles ils l'étendent./

Ils ne donnent les noms aux enfans qu'à l'âge de/ dix ans, & à cette ceremonie ils leur percent la levre/ de dessous & les oreilles: en les mariant ils leur per-/cent les jouës. Au commencement du mois de Juillet,/ après que le mil est cüeilly & replanté, le Seigneur fait/ appeller ceux qui ont envie de se marier, & ceux qui/ sont venus en âge d'être nommez. Quand ils sont as-/semblez, il marche devant avec les Prestres qui s'ap-/pellent Caraibes, les/ peres & les meres suivent; les jeu-/nes gens à marier & les enfans sont les derniers, peints//

[PÁGINA 207]

& couverts de plumes de diverses couleurs. Iils [sic] chan-/tent & dansent, & les Caraibes les parfument de Ta-/bac; après quoy on court l'arbre pour finir la Feste,/ ce qui se fait ainsi. Les jeunes hommes se partagent em/ deux troupes égales, & un de chacune prend un tronç/ d'arbre, qu'en courant il porte aussi loin qu'il peut,/ un autre le reprend aussi-tost qu'il l'a quitté, & ainsi jus-/ques au dernier. La troupe qui arrive le plûtost au but/ est honorée, l'autre est raillée, ce jeu continuë pen-/dant huit jours. Il y a parmi eux des coureurs d'une/ vitesse admirable./

Ces Tapoujas qui dévorent leurs parens morts,/ crient & se lamentent quand ils en ont mange la chair, & en gardent les os qu'ils mettent en poudre, la mê-/lent avec de la farine de mil, & en font une/ bouillie/ qui leur sert de régal aux Baptêmes & aux Mariages./ Les sujets couchent à terre, les Seigneurs dans des branchages./

Les Noirs sont la quatrième sorte des Habitans du/ Bresil, on les y apporte d'Angolle. Ils travaillent con-/tinuellement, leurs Maistres ne leur donnent autre/ chose pour vivre, que quelques heures qu'ils employment/ à cultiver du maioc, dont ils se nourrissent. Il y a nom-/bre d'Ingenios ou moulins à sucre au Bresil, depuis la/ ligne jusques à la Baye de tous les Saints, & ce sont/ les riches Portugais à qui ils appartiennent. A trois/ lieuës dans les terres au dessus de Fernambouc, il y en/ a deux où l'on va en remontant la riviere du Recif,/ dans laquelle l'on fait de l'eau pour les Vaisseaux, &/ qui est bordée de tres-beaux arbres des deux côtez.//

[PÁGINA 208]

Ces moulins sont des machines admirables & d'une lon-/gue description. Le principal mouvement se fait par trois/ mats droits qui tournent de sorte les uns dans les autres,/ que quand le bout de la canne de sucre est serré, le reste/ suit necessairement; & s'il se prenoit un doigt de ceux/ qui y mettent ces cannes, le corps ne pourroit s'empêcher/ d'estre attiré entre ces mats, & seroit réduit en poudre/ s'il n'y avoit des instrumens toujours prests pour cou-/per les bras de ceux qui sont pris, afin de sauver le res-/te du corps. Il y a un feu perpetuel sous quatre éta-/ges de chaudières,

& le jus des cannes de sucre coule/ des unes aux/ autres & s'y cuit. De ces deux moulins, l'un/ tourne par la force de l'eau, & l'autre de chevaux &/ de boeufs, & à leur défaut, les Noirs en ont la peine/ aussi-bien que du reste de ces machines & du feu. S'ils/ le font avec quelque lenteur, ils sont mis en sang, &/ pour empêcher que la gangrene ne vienne à leurs/ blessures, leurs Maîtres apprehendans de les perdre,/ les font frotter avec du sel & du vinaigre. Ils ne lais-/sent pas dans cette dure captivité de se réjouir quel-/quefois. Le Dimanche dixième Septembre 1666. ils fi-/rent leur Feste à Fernambouc. Après avoir esté à la/ Messe au nombre environ de quatre cens hommes &/ de cent femmes, ils élurent un Roy & une Reyne,/ & marcherent par les ruës chantans, dansans, & reci-/tans des vers qu'ils avoient faits, precedez de hautbois,/ de trompettes & de tambours/ de basque./

Ils estoient vestus des habits de leurs maîtres & mai-/tresses, avec des chaines d'or & des pendants d'oreilles/ d'or & de/ perles; quelques-uns masquez. Les frais/ de la/ ceremonie//

[PÁGINA 209]

ceremonie leur coûtèrent cent écus. Le Roy & ses Offi-/ciers ne firent rien pendant toute cette semaine, que se/ promener avec gravité l'épée & la dague au côté./

Tous les Habitans de ce Pays jusques aux enfans, ne/ marchent point en campagne, qu'ils ne portent de/ grands coûteaux nuds trenchans des deux côtez, pour/ couper ces serpens nommez Cobre-veados, qui sautent/ des arbres sur eux, les entortillent & les étoufferoient s'ils ne les tran-/choient promptement. On en voit plu-/sieurs avec des cicatrices sur l'estomac & sur les reins,/ des blessures qu'ils se sont faites en les coupant./

**CHAPITRE VI. PRESENT FAIT AU GOUVERNEUR DU BRASIL. SON
EMPRISONNEMENT/ PAR LES PORTUGAIS. EMOTION CONTRE LES
FRANÇOIS; & CE/ QUI SE PASSA JUSQUES AU DÉPART DE LA FLOTTE.**

Pour reconnoître les presens & l'honnêteté du/ Seignor Dom Hierô-/me Mandoce Furtado Gou-/verneur du Brasil, & obtenir sa permission de faire em-/trer dans le Port trois Vaisseaux qui couroient/ risque de rester à la côte, s'ils n'es-/toient racommodez,/ Monsieur de Mondevergue & les Directeurs luy en-/voyerent un juste-au-corps d'écarlatte en broderie, esti-/mé deux cens pistoles,/ deux pieces

d'écscarlatte de cin-/quante-deux aunes, des toilles, d'autres étoffes, & une/ paire de tres-beaux pistolets. Il les receut fort agreeable-/ment mais apparemment dans quelque défiance. Il ne//

[PÁGINA 210]

voulut point permettre qu'aucun Vaisseau entrât dans/ le Port./

Le 31. jour d'Aoust, ce Gouverneur sortant de l'E-/glise Paroissiale où il venoit de reconduire le Saint/ Sacrement, fut arrêté, & avec luy le Seigneur Dandra-/de. Quarante personnes le veilloient depuis quatre mois/ pour s'en assurer, & enfin le voyant en Ville peu sui-/vy, & la coûtume des Portugais de la plus haute qua-/lité estant d'accompagner le Viatique lors qu'ils le/ rencontrent, ils le firent porter à un homme qui n'é-/toit point malade, & passer au quartier où estoit le Sei-/gnor Dom Mandoce, qui suivit & fut environné au re-/tour par ceux qui avoient resolu de s'en saisir. Cepen-/dant la populace qui ne sçavoit pas le veritable motif/ de cette action, croyoit que le Gouverneur estoit ar-/resté, parce qu'il vendoit la terre aux François, & crioit/ qu'il les falloit tous tuer. Plusieurs François épouven-/tez passerent le Pont, & se jetterent dans les Capucins,/ où ils furent incontinent assiegez; & quelques autres furent amenez & desarmez dans le Corps de Garde./ Mais un Officier de la Camera de Fernambouc, qui est le Conseil du Gouvernement, fut aussi-tôt trouver Mon-/sieur de Mondevergue, à qui il dit que le Gouverneur/ estoit un Tiran, & que le Roy avoit commandé de le/ renvoyer à Lisbonne les fers aux pieds; que les Fran-/çois ne devoient rien craindre, & que pour sa seureté particuliere, il alloit poser un Corps de Garde de Por-/tugais à sa porte: ce qu'il exécuta. Un autre Officier/ fit excuse à ceux qu'on avoit désarmez, leur rendit/ leurs épées, & maltraita ceux qui les avoient ôtées,

[PÁGINA 211]

pendant que deux autres couroient à cheval par les ruës/ faire deffenses aux Portugais & aux Noirs qui estoient/ attroupez en grand nombre, de faire aucune insulte/ aux François. Ceux qui assiegeoint les Capucins fu-/rent dissipez. La Chambre en corps alla offrir à/ Mon-/sieur de Mondevergue toutes sortes d'assistances & de/ rafraichissemens, & ordonna des Corps de Garde dans/ les places de Fernambouc por empêcher le desordre./

Une Flotte qui estoit à la Baye de tous les Saints,/ arriva bien-tost après ce tumulte. L'Amiral salüa le/ Pavillon François de treize coups de canon, qui luy fu-/rent rendus coup pour coup. Elle remit à la voile, com-/posée de trente Vaisseaux chargez de sucre & de tabac, avec un riche gallion revenant de Goa & d'autres/ endroits des Indes.

Le Seigneur Dom-Mandoce fut/ embarqué sur l'Amiral & envoyé à Lisbonne. On a sçeu/ depuis, qu'il s'y estoit fort bien justifié, & revenue dans/ son Gouvernement./

Les Directeurs François firent deux dépêches pareil-/les; l'une qu'ils mirent sur un Bâtiment Flamand, & l'au-/tre sur un Biscayen, qui estoient de cette Flotte. Mon-/sieur de Mondevergue avoit fait remercier Messieurs de/ la Chambre du Gouvernement du Bresil par le Pere An-/thoine, Gardien des Capucins, des honnestetez qu'ils/ avoient euës pour luy. Ils se picquerent de le surmon-/ter en civilitez, & luy accorderent qu'il entrast des/ Vaisseaux dans le Port: ce que Dom Mandoce avoit/ toujours refusé. Ils prièrent que ce ne fût qu'après le/ départ de la Flotte. Si-tost/ qu'on l'eut perdue de veuë,/ le Terron, la/ Duchesse, & la Paix y furent receus &/ radoubez.//

[PÁGINA 212]

Cependant le premier Mestre de Camp Dom-Juan/ de Suza, comme Officier le plus considerable, fit des/ presens en son nom à la Flotte Française. C'est un pe-/tit commerce où les Commandans sont accoûtumez à/ ne pas perdre; & pour quatre genisses, trois douzai-/nes de poules, dix-huit cocqs d'Inde, un panier d'o-/ranges douces, une cave de neuf flacons d'eau de/ senteur, deux grandes boëtes de confitures & des pas-/tilles à manger, on le remercia de seize aulnes d'Ecar-/latte, d'une piece de Papeline, d'une tres-belle paire de/ pistolets, & de dix mousquetons./

Le vingt-quatrième jour d'Octobre Monsieur de/ Mondevergue ayant esté conduit jusques hors le Re-/cif par Messieurs de la Camera & le Signor Dom Juan/ de Suza, remonta dans l'Amiral François au bruit du/ canon des Forts, & des Vaisseaux. Les Directeurs/ acheterent trois Nègres cinq cens francs chacun, deux/ desquels estoient fort adroits à pescher en pleine Mer/ sur trois morceaux de bois chevillez ensemble, ce qu'ils/ appellent Gingade; & l'autre sçavoit faire de la thuile/ & de la potterie. Ils acheterent/ aussi trois chevaux,/ deux jumens & un/ poulain, pour porter à Madagascar,/ où il n'y avoit point de ces animaux. Ils ne peurent/ avoir aucune nouvelle d'un soldat qui ayant percé le/ tillac du Vaisseau le S. Charles, & défoncé une barri-/que d'argent, avoit pris cinq cens pieces de huit, &/ ayant passé seul dans une chalope qu'il avoit laissée sur le Recif, estoit fuy dans le Bresil. Les Directeurs/ s'estans fait embarquer les derniers, ils furent au Com-/seil qui se tint dans l'Amiral, où, en cas que les Vais-//

[PÁGINA 213]

seaux se separassent, le rendez-vous general fut donné/ à Table-Baye au Cap de Bonne-Esperance./

**CHAPITRE VII. DÉPART DU RÉCIF DEVANT FERNAMBOUC. ARRIVÉE
À TABLE-BAYE/ AU CAP DE BONNE-ESPERANCE.**

La Flotte composée de tous les Bâtimens qui/ estoient partis de France (excepté le Houcre S./ Denis qui n'avoit point paru depuis Teneriffe) de la/ Fregatte la Paix qui avoit esté acheté des Espagnols,/ du Houcre le S. Jacques qui avoit esté trouvé au Bre-/sil, & d'un petit Vaisseau nommé Saumaque, que les Directeurs avoient eu des Portugais, leva les ancrs de/ devant Fernambouc le deuxième jour de Novembre, à/ huit heures du matin, & perdit terre de veuë sur les/ quatre heures du soir. Il est à remarquer pour ceux/ qui navigeront, que la rade du Recif devant Fernam-/bouc est pleine de rochers & d'ancres que ceux qui/ y ont mouillé ont esté contraints d'y laisser; & que les/ cables s'y rompan à la moindre agitation, les Vais-/seaux courent risque d'estre/ brisez sur le Recif, c'est/ pourquoy il est bon de se tenir un peu loin. Le dixié-/me Decembre la Flotte eut le Soleil pour Zenit la/ troisième fois de son voyage, à la hauteur des Abro-/thos [sic], par estime cent lieuës plus vers l'Orient. Le dou-/xième l'Isle de la Trinité fut veuë; c'est de loin um/ grand rocher au milieu de quatre autres moins élevez, //

[PÁGINA 214]

qui paroissent comme des pains de sucre: cette figu-/re se perd en approchant, & les rochers baissent par la/ veuë des terres qui sont entr'eux. Après trois jours de/ navigation passablement bonne, à minuit du quin-/zième au seizième Decembre la terre se montra à la/ faveur du clair de la Lune./ Elle fut éloignée pendant/ la nuit, rapprochée le matin, & connue pour le Cap/ de False qui est au continent d'Afrique. Le dix-septié-/me la Flotte entra dans la Baye de la Table au Cap/ de Bonne-Esperance. //

ANEXO II

“REPRESENTAÇÃO DE JERÔNIMO DE MENDONÇA FURTADO A SUA MAJESTADE.

ANO DE 1666

[APUD GARCIA, 1939, P. 127-142]

Jeronymo de Mendonça Furtado representa a V. M. no papel incluso os seus procedimentos no tempo que occupou o posto de Governador da Capitania de Pernambuco, e os excessos que cometteram os Officiaes da Camara da dita Capitania com o expulsarem do governo, mettendo a sua pessoa em prisão, e tomando-lhe toda a fazenda que tinha em sua casa, assim propria, como de partes, procedendo em tudo sem ordens de V. M., e de poder absoluto; levados e persuadidos da desafeição de alguns particulares, cujos nomes se declaram na dita relação; a qual V. M. deve ser servido de mandar ver, e ponderar o ahi proposto com a atenção que negocio de tanta consideração pede; porque confia o supplicante da grandeza, e justiça de V. M. lhe faça honras e mercês á correspondencia dos agravos na pessoa e perdas da fazenda que ha tido; e que contra os culpados no motim e levantamento se proceda com as demonstrações de castigo, que pelas Leis de V. M. é imposto em tal crime, que deve ser punido gravemente pela conservação da autoridade real de V. M., e para que se não continue por exemplo tão pernicioso semelhantes successos nas conquistas de V. M., pois deixando de ser punidos passará a mais o damno, que V. M., como Rei e Senhor, deve prover de remedio que possa evitar. (Com uma rubrica).

– Tem á margem o seguinte despacho: ‘Veja-se no Conselho Ultramarino, e consulte-se-me o que parecer. – Em Lix.a a 26 de Outubro de 1667, - REI’.

– Tem annexo o seguinte:

Senhor. – Sendo presente a V. M. os serviços que Jeronymo de Mendonça Furtado havia feito a V. M. com tão singular zelo da conservação e augmento da sua real Corôa, foi V. M. servido encarregar-lhe a occupação do Governo da Capitania de Pernambuco e suas annexas, do qual tomou posse nos primeiros de Março de 664. E logo em cumprimento das ordens de V. M., que lhe foram intimadas pelos Officiaes da Camara da Villa de Olinda, cabeça daquella Capitania, fez sua assistencia na dita

Villa: assim para que nella se continuasse a povoação que alli havia antes de occuparem os Hollandezes a dita Capitania, e se animassem os moradores a reedificar grandes propriedades de Casas, que com a entrada do Hollandez se tinham arrazado; como porque com a sua presença se obrigavam os Officiaes maiores da guerra, e os ministros e Officiaes de justiça a fazerem na dita Villa morada; e esta levava necessariamente os officiaes mechanicos, mercadores, e gente popular para se formar a dita povoação, como com effeito succedeu em breve tempo, e portanto foi esta resolução bem aceita dos moradores de toda a Capitania, e religiões, que nella ha de Padres da Companhia, ordem do Carmo, São Bento e São Francisco, as quaes todas têm grandes e sumptuosos conventos na dita Villa; e mais louvada nelle Jeronymo de Mendonça: porquanto os mais Governadores antecessores por seus respeitos particulares faziam morada na povoação do Recife: onde aos moradores de fóra, que vinham a seus negocios, e requerimentos se desacommodavam muito assistir, por não ser o lugar capaz; e por assim ser não havia nelle aquelles lugares publicos de casa de auditorio, e vereação, e praça de Pelourinho: o que tudo fez aparelhar com a decencia, e autoridade que convinha na Villa, antes com despesa da fazenda propria, com a qual assistia de ordinario o soccorro de Infantaria nos casos de falta nos effeitos, que muitas vezes succedia não estarem promptos para os soccorros, naquelle tempo determinado em que se costumavam fazer.

E sendo a ponte que atravessa o Rio do Recife a serventia unica e necessaria para a communicação de toda a Capitania se achou estar cahindo, no tempo em que elle Jeronymo de Mendonça entrou no Governo; e porque da sua ruina resultava com o detrimento dos moradores uma consideravel despesa de muitos mil cruzados, acudiu logo ao reparo de tal ponte, assistindo ás despesas da obra com a fazenda propria sem obrigar os moradores a contribuição alguma para este intento. Sendo que em outras occasiões, e com menos necessidade nos governos passados se havia lançado fintas de grandes quantias de dinheiro, sem se fazerem concertos tão proveitosos, como elle Jeronymo de Mendonça dispoz se fizessem, e com tão particular cuidado que assistia pessoalmente ás obras, não sendo de menos utilidade ao bem commum as que ordenou se fizessem na reedificação de um recolhimento de mulheres honestas, que na Villa de Olinda havia, o qual com a entrada dos Hollandezes foi arrazado, e se reparou de maneira que hoje é já habitado.

Ha tambem no dito Recife uma força chamada do Brum, que é a mais importante á defensa de toda a Capitania, por fechar a barra daquelle porto; e por tal a tinham fornecido, e reparado os Hollandezes com muito particular cuidado; porem faltou este tanto depois da restauração da dita Capitania que se achava no tempo em que elle Jeronymo de Mendonça entrou a governar quase toda arruinada, e com a artilharia desmontada; e da mesma maneira o estava outra força do mar, que fica em frente da sobredita; e uma plataforma que o Recife tem tambem para dentro de taes forças da parte da povoação; e ao reparo de tudo acudiu elle Jeronymo de Mendonça com assistencia pessoal, ordenando, e dispondo o que lhe parecia conveniente, segundo as experiencias que tinha da guerra; e sem que por todas estas despesas se

fizesse oppressão alguma aos moradores, nem estes contribuissem com fintas, como é costume em semelhantes casos.

Nos expedientes do governo politico se houve elle Jeronymo de Mendonça Furtado com não menor cuidado; porquanto zelava a justiça, a composição e concordia nas diferenças que se offerciam entre os moradores; bom tratamento a todos, sem estragar ao respeito e autoridade conveniente ao posto de Governador nas partes ultramarinas; fazendo com que os mercadores e homens tratantes de mar em fora fossem pagos de suas dividas, sem dilações e demoras, por entender que estas atrapavam o negocio, e deminuiam o credito na Praça, e a faziam menos reputada; de que resultava não só prejuizo ao bem commum, mas á Corôa e Fazenda de V. M. Porem deste tão louvavel zelo tirou elle Jeronymo de Mendonça por gratificação o odio de muitos moradores, que eram os mais poderosos da dita Capitania, porque como estes de sua criação, e por costume eram dados a não satisfazer as dividas que contrahiam, extranharam ter governador que os obrigasse aos pagamentos; e assim machinaram e fulminaram contra elle Jeronymo de Mendonça a sua descomposição, tratando-a principalmente João Fernandes Vieira, com seus parentes e amigos, com vários pretextos; sendo a causa e motivo de seu odio o achar-se obrigado a satisfazer mais de 30.000 cruzados, que em Angolla, sendo Governador, com o poder do posto havia tomado em fazendas pertencentes a Luis de Mendonça Furtado, irmão dele Jeronymo de Mendonça, vindas da India, as quaes por seu justo valor importaram em mais de 60.000 cruzados; e não só a esta divida estava obrigado o dito João Fernandes Vieira, mas a outras que se podem contar por infinitas, porque é publico e notorio ser devedor de grandes sommas de dinheiro a muitas pessoas, como de fazendas, engenhos e terras, que traz usurpadas violentamente, porque com estas insolencias se tem feito poderoso, e rico, passando do mais humilde estado ao maior, sendo a sua condição machinar motins e levantes, ordenado tudo á sua conveniencia particular, porquanto por esta se deixou viver entre os Hollandezes, conformando-se com estes, não só nos costumes, mas na lei, faltando ás obrigações de christão, como é notorio; e depois por se ficar com a fazenda que tinha dos Hollandezes se passou ao exercito de V. M. com a capa de zelo, do qual houve tão pouca confiança, que se estendeu constantemente no tempo que era rei deste Reino o Senhor Rei D. João, que Deos haja, Pai de V. M., que o dito João Fernandes Vieira queria entegar aquella praça a algum dos Principes da Europa; e de proximo no tempo do governo de Francisco de Brito Freire, indo novas áquella Capitania que nas Capitulações das pazes de Hollanda se continha o serem pagos os Hollandezes de suas dividas e fazendas, com que se haviam levantado alguns daqueles moradores, receioso de que succedendo assim seria alcançado em dividas de consideravel importancia, fez espalhar cartas sem nome na dita Capitania para as Camaras e pessoas particulares das mais poderosas, nas quaes cartas dispunha, e admoestava a todos a se levantarem, querendo-os V. M. obrigar à aquella satisfação; e as ditas cartas foram presentes ao dito Governador e ao ouvidor, que então era o Dr. Lourenço de Azevedo Motta, e a muitas pessoas particulares.

Seja, Senhor, permittido esta digressão ainda que seja de materia alheia ao intento; pois se faz para informar a V. M. da condição de tão perverso vassallo, cujos

procedimentos escandalizam não só o Estado do Brasil, mas os Reinos estranhos; porque se compõe este sujeito das maiores maldades e mais abominaveis vicios, que podem vir á condideração, porquanto os latrocinios e violencias são sem conta, e do mesmo modo os homicidios, pois por qualquer descontentamento sem temôr de Deos, sem respeito ás justiças de V. M. tem mandado matar e acutilar a muitas pessoas, constituindo-se com o poder com que se acha em Regulo, sem subordinação nem respeito aos governadores; e porque elle Jeronymo de Mendonça o quiz fazer reconhecido das obrigações de vassallo de V. M. se entrou de odio para fulminar a descomposição que experimentou a sua pessoa e a Real autoridade de V. M.

Achou o dito João Fernandes Vieira disposto a este seu intento outro semelhante poderoso e igualmente insolente, o Mestre de Campo D. João de Sousa, o qual se achava tambem descontente do governo d'elle Jeronymo de Mendonça, assim por lhe advertir as obrigações do seu posto, de que só usava para as suas conveniencias particulares; como porque o havia obrigado ao pagamento de algumas dividas, dando ajuda e favor para que se cobrassem outras que deviam seus primos João Paes de Castro e Estevão Paes Barreto a varias pessoas da Praça, e a outro rimo seu por nome João Paes Barreto, com o qual havia grandes duvidas e differenças, por ser a contenda sobre partilha de bens que os sobreditos possuíam, sem quererem dar a parte que tocava a sua Irmã, com quem o dito João Paes Barreto tinha amizade de muitos annos, e com muitos filhos. E por que se lhe retinham seus bens a não queria receber por mulher, no que elle Jeronymo de Mendonça foi forçado a intervir, não só para compôr as differenças, mas para evitar o escandalo que geralmente havia disto; e resultou desta acção digna do maior louvor ficassem os sobreditos seus desafeiçoados; e como eram os principaes e mais poderosos foram chamando á sua parcialidade muitos parentes e amigos, alguns dos quaes eram os officiaes da Camara da Villa de Olinda naquelle anno, a saber: Andrés de Barros Rego, João Ribeiro, Lourenço Cavalcanti e Domingos Dias Sueiro.

Sucedeu neste meio tempo chegar ao Porto do Recife um Pinque⁷⁶ francez destroçado e com falta de mantimentos para a derrota a que dizia era enviado por El Rei Christianissimo⁷⁷; sobre cuja chegada fez elle Jeronymo de Mendonça aviso a V. M. e ao conde de Obidos, Vice-Rei do Estado, e lhe foi respondido por V. M. e pelo dito conde que se devia haver com o navio como de amigos e alliados, fazendo-lhe dar a conducção necessaria e apresto possivel para seguir sua viagem para a ilha de S. Lourenço⁷⁸, advertindo-se-lhe houvesse entendido, que com os navios e embarcações francezas, que a aquelle porto fossem ter ou a algum do Ultramar das conquistas deste Reino, se havia de haver com eles do mesmo modo que se lhe ordenava sobre o apresto do tal Pinque, a qual ordem deu elle o Governador pontual cumprimento.

Estando já o Pinque concertado e aparelhado para seguir sua viagem, chegaram ao porto do dito Recife onze Navios francezes, e por general desta Esquadra o

76. Embarcação de três mastros à latina.

77. O Saint-Jacques, de que tratamos anteriormente.

78. Madagascar. São Lourenço foi o nome dado à ilha por Diogo Dias em 1500.

Marquez de Bonvert [sic – Mondevergue], o qual com oito mezes de viagem dizia vinha buscar áquelle Porto o remedio de suas embarcações que se achavam destroçadas, gente que trazia doente, e sem mantimentos para seguir sua derrota e viagem á ilha de S. Lourenço, para onde diziam eram enviados por o Rei Christianissimo; e porque a ordem de V. M. lhe permittia a entrada, apresto e soccorros, lhe franqueou tudo elle Governador Jeronymo de Mendonça; porém com tal cautela e advertencia que sendo o recebimento de amigos houvesse prevenção como para inimigos, segurando a defesa da Praça com munições e artilharias, fazendo convocar com bandos, editaes e cartas as Camaras das Villas da dita Capitania, e pessoas nobres e principaes della, para que a Praça do Recife se achasse com mais gente; e para que todos fossem certos da ordem que tinha de V. M. para licenciar a entrada; diligencia que lhe pareceu ser necessaria por que toda a costa do Brasil estava inquietta com a chegada dos ditos Navios, da qual elle Jeronymo de Mendonça logo deu parte ao Vice Rei, para que tivesse entendido a causa que havia para a dita Esquadra aportar na dita Capitania.

Tendo assim elle Jeronymo de Mendonça acautelado os successos contrarios, fez aparelhar e prevenir a defensão daquella Praça com guarnições e presidios reforçados na Força do Brum, Mar, Cinco Pontes [sic – Pontas], Tamandaré, Itamaracá, e ainda Parahyba e Rio Grande; e com rondas continuas de noite e de dia desde a Força do Brum até a Barreta, onde por ser facil a entrada mandou pôr companhias de guarda com successivas sentinelas para que se pudesse acudir com ajuda da Força das Cinco Partes [sic; Pontas], que era vizinha, guarnecendo do mesmo modo a plataforma do Recife com outra companhia de guarda, e a ponte do Recife com outra companhia, havendo nas mais forças duas companhias em cada uma, com tal acerto e disposição, que não era possivel passar para o Recife, nem do Recife para a costa embarcação alguma de qualquer qualidade que fosse, sem que fosse vista e reconhecida tanto pelas vigias de terra, como pelas rondas, que trazia no Rio.

E assim disposto e aparelhado em cumprimento das ordens de V. M., permittiu elle Jeronymo de Mendonça sahisse á terra o dito Marquez General, cujo recebimento foi feito com grande festejo, notavel autoridade, e consideravel despesa da fazenda propria nos banquetes, hospedagem, e refrescos que mandou a toda a armada; ordenando tudo ao intento de que aquelles estrangeiros vissem que ainda nas conquistas remotas tinha S. M. vassallos que tanto zelavam e acudiam pelo credito e reputação da sua Real Corôa.

No mesmo tempo mandou lançar bandos para que os moradores da dita Capitania se houvessem com os Francezes como amigos e naturaes, fazendo-lhes todo o bom tratamento; e para que fossem providos do necessario ordenou baixassem do certão mantimentos em quantidade, dando-lhes alojamentos convenientes a suas pessoas, e dispondo fossem providos e assistidos dos remedios, e medicinas de que necessitavam os doentes, á vista do que publicava o dito general, cabos maiores e mais gente da armada, que elle Jeronymo de Mendonça era o vassallo mais honrador do seu Rei que podia haver em toda a Europa. E porque alguns dos Navios da Armada vinham abertos com agua, intentaram os Francezes entrar no Porto com toda a Esquadra,

no que não quis consentir elle Jeronymo de Mendonça, com a atenção nos successos menos favoraveis á Corôa de V. M., e só permittiu licença para que fossem entrando dos navios uns sós, e querenado, e concertado este, sahindo para fora, entrasse outro; e ainda para esta licença fez convocar as Camaras, e pessoas principaes para saber de todos se convinham neste seu parecer, no qual não dissentiam.

Com a entrada dos Francezes na terra, e armada ancorada, tiveram motivo aquelles perturbadores já referidos para executarem a sua desafeição; e assim se espalhou uma voz lançada pelo dito Mestre de Campo D. João de Sousa e João Fernandes Vieira, que o Governador tinha vendido a Praça aos Francezes, e que estes tinham metido muitas armas no Recife, em um hospicio que nelle têm os Capuchos Francezes, e que em qualquer hora que lhes parecesse acomodada se levantariam; e o Governador lhe faria a entrega e se daria saque no Recife e na Capitania; e como este dito, ao menos tinha alguma apparencia pela assistencia da Armada com gente em terra, se deixaram entrar os Moradores de algum receio e temor de que assim pudesse succeder, maiormente sendo os que espalhavam estas vozes os principaes da terra, de cujas intelligencias se podia entender tinham razão para segurarem o que publicavam, com o pretexto de zelo e fidelidade á Real Corôa de V. M., cobrindo-se com esta capa a maior insolencia e traição, para a qual iam dispondo os animos dos moradores para a resolução que tinham premeditado.

Teve elle Jeronymo de Mendonça noticias de algumas destas vozes, e por divertir a Zizania que a Malicia de tão perversos homens semeava, fez cercar o tal hospicio com o terço do mesmo Mestre de Campo João de Sousa, e dar busca nelle, da qual resultou não se achar arma alguma de fogo, nem indicios de que ali houvesse o que se publicava.

Com tudo não valeu esta diligencia; nem a satisfação geral que se tinha do Governo d'elle Jeronymo de Mendonça, para dissuadir os taes motinadores de seu máu intento, porque achando-se estes com muita gente da que se havia convocado, uns amigos e parentes, outros levados da voz vaga que se havia lançado, de que a terra se entregava aos Francezes, depois de se haverem feito varias juntas na casa de um João de Novalhas e Urréa, homem poderoso por rico com rendas de contratos, e senhor de dois Engenhos, sendo na noite do ultimo dia de Agosto do anno passado de 666 se fez a ultima junta na tal casa, achando-se nella André de Barros Rego, que servia de juiz ordinario, João Ribeiro, Domingos Dias Sueiro, João Baptista Achioli, João Gomes de Mello, o dito João de Novalhas, e Manuel Gonçalves Corrêa, secretario que era do Governo; e se tomou por resolução que no dia seguinte ajuntassem os parciaes e amigos com seus criados e escravos, todos muito bem armados, e que com o corpo da Camara para levar o povo o seu intento se investisse a pessoa do Governador, dizendo-se o queriam prender por traidor, e que á primeira voz que elle dêsse ou acção de repugnancia o matassem, e que para melhor se effectuar o intento se supusesse um enfermo, pessoa de sua confiança, com aperto que necessitava de Sacramento, e chamando-se o da Eucharistia, o que costumava sempre acompanhar o Governador, nesta occasião se dêsse á execução o intento; e quando succedesse não vir ao acompanhamento, se lhe entrasse a casa, e se parecesse necessario

se lhe assestasse a artilharia, e se pusessem barris de polvora para que deste modo o matassem.

E porque tinham de sua parcialidade o Vigario, que era então Estevão dos Santos, e o Vigario da matriz do Recife Antonio da Silva, communicaram com estes aquelle tratado da vocação do Sacramento, para que mais a seu salvo obrarem o que intentavam, e assim como foi machinado succedeu; porquanto suppuzeram estar doente hum Mulato seu parcial, e chamaram o Senhor para elle; e sahindo o foi acompanhar elle Jeronymo de Mendonça; e porque se aparelhasse tudo o que tinha disposto detiveram o Senhor na casa do tal enfermo suposto por espaço quasi de uma hora, com o pretexto de que reconciliava, e tinha vomitos; e com efeito se deu o Senhor ao Mulato que estava são e bem disposto, e sem temor, nem consideração a uma tão grave, execranda e abominavel acção, como foi tomar o Santissimo Sacramento por instrumento de sua maldade.

Recolheu-se o acompanhamento á Igreja, e ao sahir dela, elle Jeronymo de Mendonça, achou tomadas as ruas com ajuntamento de muitas pessoas armadas; e perguntando a causa daquela novidade o investiu o Juiz André de Barros Rego, acompanhado de outros officiaes da Camara, que eram os sobreditos Lourenço Cavalcanti, João Ribeiro, Domingos Dias Sueiro; e chegando-se para elle Jeronymo de Mendonça, com a mão apunhada á espada, lhe disse estivesse preso da parte de V. M.; e respondendo a esta acção que era seu Governador, e que se não deviam haver com elle com aquelles termos, e que se aquietassem, que se havia cousa do serviço de V. M. e do bem comum que elle pudesse obrar o faria, e que lhes advertia o não podiam prender, mas só obedecer como vassallos que eram de V. M., a cujas razões lhe foi respondido que se entregasse preso se não o matariam, e que tinham ordens de V. M. para fazer a tal prisão; e no mesmo tempo arrancaram muitos de espadas e outros metteram ao rosto muitas armas de fogo que traziam.

Vendo elle Jeronymo de Mendonça a resolução com que se lhe atreviam, e perigo de vida e ruina que se aparelhava a aquella Capitania, insistindo em se não entregar á prisão cuja resistência só podia fazer com a sua pessoa, porque alguns dos criados que o acompanhavan os tinham já presos, e alguns feridos, disse que se sossegassem e não fizessem motim (que era o intento para saquear o Recife, onde assistem os homens de negocio, lhe roubarem os livros de sua lembrança e creditos de grandes quantias a que estavam obrigados os principaes do motim), porque se V. M. ordenava fosse preso se entregava á prisão, e que vissem onde queriam a tivesse; ao que responderam que na Força do Brum, para onde elle Jeronymo de Mendonça foi logo andando entre o tumulto dos levantados, que eram capitaneados pelos sobreditos officiaes da Camara, que iam dando vozes:

– Morram os traidores!

Como o intento do motim levava tambem a consideração no saque do Recife, e roubo dos livros que se evitou com a advertencia d'elle Jeronymo de Mendonça não contradizer o intento dos levantados, por se aproveitarem estes da occasião, investiram os aposentos da morada d'elle Jeronymo de Mendonça, assim no Recife, como na villa de Olinda, e saquearam tudo o que acharam, que importava em

grande somma de fazenda assim em dinheiro, como prata, ouro, joias, ambar, movel precioso, miudezas de valor, sendo quasi toda esta fazenda de seu irmão Luiz de Mendonça, e do procedido de carregações, e encomendas de alguns fidalgos desta Côrte, parentes e amigos delle Jeronymo de Mendonça; e porque se advertiu aos officiaes da Camara que no descaminho de tal fazenda lhes podia resultar damno, por cohonestarem o excesso e insolencia, fizeram continuar um chamado juramento, no qual se lançou uma limitada parte do que havia nos taes aposentos.

Com a mesma insolencia se entraram e saquearam as casas de morada do ouvidor que servia naquelle tempo, Francisco Franco Quaresma, do capitão Luiz Valença da Rocha, homem de grosso trato, e que corria com os negocios delle Jeronymo de Mendonça, do capitão Joseph Rodrigues, do alferes Pedro Pinto, pessoa de sua obrigação e homem de negocio da Praça, a quem acutilaram, e a todos estes prenderam na cadeia publica com rigorosas correntes, com muitas feridas; e do mesmo modo o Alferes Manuel Cardoso, Domingos Fernandes Reynão, que morreu na prisão, e um mulato, por nome Antonio de Figueirêdo, que eram as pessoas que assistiam na casa delle Jeronymo de Mendonça.

Na Fortaleza do Brum, em que aprisionaram a elle Jeronymo de Mendonça, em uma pequena casa, lhe tinham sentinellas á vista e de guarda quantidade de gente da parcialidade dos levantados; os quaes não consentiam que lhe entrassem a falar mais que as pessoas de sua confiança, nem que elle Jeronymo de Mendonça tivesse criados, nem cozinha, querendo que esta se fizesse por mãos de taes levantados, encaminhando tudo isto a se lhe dar peçonha, como foi publico; e porque com este receio não quiz aceitar o que se lhe dava, intentaram os mais empenhados na desafeição leva-lo para a freguesia de S. Lourenço, que é no sertão, em distancia do dito Recife, para ali darem á execução seu mau animo, cuja resolução se estornou por alguns dos parciais no levante, porem em menos paixão, e já arrependidos de os haverem mettido em tal caso.

Em todo o tempo que elle Jeronymo de Mendonça esteve na prisão lhe assistiu como seu carcereiro o Coronel Antonio Jacome Bezerra, a quem os sobreditos levantados entregaram sua pessoa, e a este dito coronel e ao dito juiz André de Barros, e a outros officiaes maiores, que na tal prisão lhe falavam. Representou elle Jeronymo de Mendonça por muitas vezes a sem razão que se lhe fazia, e o crime em que incorriam de faltarem á obediencia de seu governador, quebrantando as ordens de V. M., declarando-se no que obravam por traidores á sua real Corôa, e inobediencia á sua vassallagem; o que tudo podiam remediar ainda restituindo-o ao governo e confiando da sua palavra não attenderia a tão grave offensa, que por mais se não desservisse V. M., e aquella Capitania se não destruísse; do que tudo não fizeram caso os sobreditos. E sendo o dito Antonio Jacome por obrigado pelo posto o mais instado com estas instancias, foi o que menos se deixou persuadir dellas, entretendo com razões e desculpas de que ia saneando alguns dos ditos levantados; sendo que elle por si só podia obrar o que se lhe encarregava, pois tinha á sua ordem toda a infantaria e gente auxiliar que estavam de guarda na dita prisão.

Passados poucos dias depois da prisão, chegando a frota que vinha da Bahia a buscar os navios daquele Porto de Pernambuco, não consentiram os ditos levantados que se lançasse em terra gente de guerra; e logo fizeram embarcar a elle Jeronymo de Mendonça, entregando-o no Rio ao almirante Victorio Zagallo, para que o trouxesse preso, sem lhe dar nem ainda o necessario para o trato e uso de sua pessoa, e matolotagem para a viagem.

Logo que os ditos officiaes da Camara fizeram a prisão dele Jeronymo de Mendonça, se introduziram em todo o governo da Capitania, dando ordens e dispondo o que lhes pareceu, fazendo Regulos, e com procedimentos absolutos e violentos descompuzeram a muitos moradores, publicando não haviam de consentir governador posto por V. M. se não com as clausulas e condições que eles apresentassem; e porque queriam ter disposto tudo a seus intentos, e podia succeder que os officiaes da Camara que entrassem no anno seguinte se não conformassem com as exorbitancias e insolentes excessos que os taes levantados haviam commettido, abriram o cofre dos pelouros que estavam feitos e os queimaram, e ordenaram nova eleição a seu modo para que servissem na Camara os mesmos parciais e que concorreram no levante, como de facto succedeu, porquanto os que de presente servem na Camara são os que machinaram o motim com os sobreditos, cujos nomes dos mais principaes se declaram aqui, e são os seguintes:

João Fernandes Vieira, governador que foi de Angola;

D. João de Sousa, mestre de campo de um dos terços de infantaria daquella Capitania;

André de Barros Rego, que servia de juiz ordinario;

João Ribeiro, que tambem servia de vereador;

Domingos Dias Sueiro, que era procurador da Camara;

O licenciado Antonio de Mendonça, syndico da mesma Camara;

João de Novalhas e Urréa, em cuja casa se faziam as juntas e consultas;

João Baptista Achioli e seus irmãos;

O coronel Antonio Jacome Bezerra;

Diogo Jacome Bezerra, Luis do Rego Barros, Capitão-mór da povoação de São Lourenço;

O capitão João Bezerra, irmão dos ditos;

O capitão João Pessoa Bezerra e um irmão seu;

O capitão Domingos Gomes de Britto;

Estevão Paes Barreto;

João Paes de Castro;

Manuel Gonçalves Corrêa, secretario do governo;

O vigario geral Estevão dos Santos;

O vigario da matriz do Recife Antonio da Silva;

Alguns dos officiaes da Camara da villa de Igarassú, cujos nomes não lembram;

Alguns dos officiaes da Camara da Ilha de Itamaracá, cujos nomes tambem não lembram;

Alguns officiaes da Camara da villa de Serinhaem cujos nomes não lembram.

E não menos se entende haver concorrido naquele levante com conselho e instancias o licenciado Manuel Diniz da Silva, o qual pela desafeição que tinha d'elle Jeronymo de Mendonça em razão d'elle haver estranhado os injustos procedimentos e excessos com se houve entrando na dita Capitania a exercer o cargo de ouvidor-geral, vindo para esta Côrte, se ficou correspondendo com o dito João Fernandes Vieira, de que se diz ser parente, e com o licenciado Antonio de Mendonça Cabral e João Baptista Achioli, com os quaes tem tambem razões de parentesco; e por avisos seus que se fizeram publicos, se espalhou que V. M. mandava prender a elle Jeronymo de Mendonça, e o havia deposto; e que os moradores o não deviam obedecer, e expulsa-lo do governo, e que tudo o que obrassem contra elle havia de ser bem aceito, porque os Ministros do governo e os que se entendia naquelle tempo eram mais poderosos insinuaram não seria mal recebida a tal resolução; e estes ditos em partes remotas não deixam de mover muito, e no caso presente se entendeu constantemente que com elles se levantaram mais facilmente os ditos levantados a tratarem e machinarem a conspiração que se tem referido; e sendo certo em termos de direito queos que dão conselho se contam como cúmplices nos delictos, e muito mais nos qualificados, tambem é sem duvida que o dito licenciado incorreu na mesma culpa que commetteram os motores do levantamento, cujo crime por ser de lesa magestade é a pena de morte natural, declaração de infamia nos descendentes, confiscação de bens para a fazenda de V. M., tanto pela conspiração, prisão e expulsão d'elle Jeronymo de Mendonça, sendo governador posto por V. M. com homenagem dada em suas Reaes Mãos, como por suporem ordens de V. M. para o tal excesso, introduzirem-se no governo, dando ordens e procedendo a prisões, sequestro e apprehensões de bens, sem jurisdição, nem culpas formadas contra alguns dos presos.

Esta, Senhor, é a verdadeira informação dos procedimentos d'elle Jeronymo de Mendonça, e dos exorbitantes excessos que os taes levantados commetteram. Não se acrescenta no relatado cousa alguma, antes se deixam de exprimir notaveis circumstancias: algumas por não dilatarem este papel, e outras por que se não entenda excede o conhecimento (?) de que as representa, valendo-se da occasião para fallar com mais largueza.

Somente se lembra a V. M., com humilde submissão que entende todo o Reino de Portugal e ainda os Reinos estranhos o não hão de desconhecer que Jeronymo de Mendonça, por sua qualidade, por filho de Pedro de Mendonça, por vassallo tão real de V. M., e tão zeloso de seu Real Serviço, como mostrou a experiencia no discurso de 18 annos continuos de assistencia nas fronteiras do Alentejo, com notaveis occasiões, e por haver deixado o serviço da sua religião de Malta, donde havia de tirar os aproveitamentos que he notorio, merecia que V. M. lhe fizesse mercê de uma satisfação que correspondesse ao agravo e á perda com que se acha, para que o seu credito não ficasse na apinião dos mal affectos vulnerado, nem a autoridade real menoscabada com o atrevimento de uns homens muito humildes por seus nascimentos, e por suas pessoas de nenhum préstimo. E para assim esperar esta satisfação se animava mais sabendo que por ordem de V. M. se commetteu a um Ministro da Casa da Supplicação o tirar devassa muito exacta dos procedimentos que tivera no

dito governo, nomeando-se por escrivão da tal devassa a outro Desembargador; e foi feita esta diligencia com grande segredo e não muita affeição dos Ministros, a que foi commettida; porque inqueriram intimando um grande numero de pessoas que vieram na frota do anno passado da Capitania de Pernambuco, e é também publico que, vista e revista esta devassa em tribunaes se não achou culpa por que pudesse proceder contra elle Jeronymo de Mendonça, e é de crêr que se a houvera a menor fora o procedimento por ella á correspondencia do cuidado com que se encarregou a diligencia.

Porem, se até aqui impediu alguma desafeição não se attender a razões tão importantes ao credito e reputação da coroa de V. M., agora, Senhor, confia elle Jeronymo de Mendonça se faça consideração a tudo o que respeita o negocio presente, para que neste Reino e nos estranhos se entenda que V. M., como Rei e Senhor, acode pela sua autoridade e pela honra de vassallos que a opinião do mundo avalia por honrado e bem procedido.

Na Europa, nos tempos modernos e mais antigos houve semelhantes successos, e os Senhores Reis voltaram tanto pela satisfação delles, que se mandou destruir cidades, e lugares inteiros, e muito populosos, entendendo-se que era mais conveniente soffrer estas perdas que ficar exemplo na falta do castigo para semelhantes insolencias; e foram honrados os governadores expulsos com grandes acrescentamentos, e de proximo o vimos praticado com o conde de Obidos, porque constando que a expulsão do governo da India fôra feita sem ordem de V. M. foi extranhado este procedimento com as demonstrações que é notorio; e provido o conde no governo do Estado do Brasil.

E ainda a pessoas de menos conta se deram satisfações publicas, como se viu na restituição de um ouvidor de São Thomé, que havia sido deposto pelo governador daquella Ilha; e o ouvidor de Pernambuco Manuel Diniz da Silva se restituiu ao mesmo lugar só pela autoridade e pundonor de um Tribunal. Sendo que as ordens de V. M. permittiam a resolução que elle Jeronymo de Mendonça tomou com o tal ouvidor; e sem se attender a esta razão e aos injustos procedimentos e exorbitantes excessos com que se houve este Bacharel se restituiu ao lugar; e não foi isto o menor motivo da decomposição que elle Jeronymo de Mendonça experimentou; e pois com os sobreditos se tomaram as referidas resoluções, parece não merece menos na qualidade, no serviço e no zelo que V. M. lhe faça a mesma mercê, que os mais receberam de V. M.

E não se instrue o proposto neste papel com documentos, porque confia elle Jeronymo de Mendonça será presente a V. M. pela devassa que se tirou a maior parte do relatado. Comtudo, sendo V. M. servido se juntarão cartas particulares de pessoas da dita Capitania, assim escritas a elle Jeronymo de Mendonça, como a outras pessoas desta Côrte, pelos mesmos homens que concorreram no levantamento, os quaes, reconhecendo o erro commettido, desculpando-se confessam a culpa dos mais, e a

pouca razão que tiveram os taes levantados para obrarem excessos tão escandalosos e em tanto deserviço de V. M.⁷⁹

– O verso do documento tem o seguinte despacho: ‘Que se juntem com os mais para correr os Srs. Ministros’.

– Vão os papéis sobre esta matéria juntos a esta consulta.

Conferido com o original existente no Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, pelo Dr. Jerônimo de A. Figueira de Melo. – Cópia na Biblioteca Nacional [do Rio de Janeiro], Sec. Ms., I-35, 15, n.o 52.”

79. As pretensões de Mendonça Furtado seriam frustradas por ter Afonso VI, de quem era partidário, abdicado a 23 de novembro de 1667, assumindo o poder como príncipe regente seu irmão D. Pedro, que de 1683 (após a morte de Afonso VI) a 1706 seria rei de Portugal com o título de Pedro II.

Anexo III

RELATO DO BARROCO SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1730, P. 371-374) 60 ANOS DEPOIS DA PRISÃO DE XUMBERGAS

“Governava a Provincia de Pernambuco Jeronymo de Mendoça Furtado, mais attento ao seu interesse, que à sua obrigação; todos os meyo, que conduziaõ para as suas conveniencias, lhe pareciaõ licitos; não ouvia os clamores do Povo, desprezava as pessoas principaes, que por nascimento, e fidelidade lhe mereciaõ differente tratamento. Sentiaõ os Pernambucanos ver nelle hum procedimento tão mais absoluto, e contrario, quanto mais promptos, e conformes os achava na sua obediencia; os obsequios, com que aquelles subditos o tratavaõ, faziaõ avultar mais os escandalos, que delle recebiaõ, devendo ser o mayor motivo para obrar com prudência, e justiça o culto, que se lhe dedicava, porque como o respeito, que os Vassallos do Brasil tem aos seus Governadores, chega a parecer idolatria, não devem proceder como homens, os que vem a ser venerados como Deidades.

Cresciaõ em Jeronymo de Mendoça as desattenções, na Nobreza as queixas, e no Povo as iras, até que expondo-se a huma acção tão indesculpavel, como temeraria, se resolverão a prendello em satisfação dos aggravos, que lhes fazia, sem attenderem a que deste facto lhes podia resultar mais castigo, que vingança; e tendo prevenidos os dous Terços da Infanteria paga, para que não fizessem movimento algum, interessando-os tambem na causa publica, juntando-se por varias partes da Cidade de Olinda as pessoas principaes, e por outros lugares a mayor parte do Povo, se encarregou a execuçaõ a André de Barros Rego, que aquelle ano era Juiz ordinário do Senado da Camera, e representava a Cabeça do Corpo Politico de Pernambuco, acompanhando-o os Vereadores actuaes daquelle Senado, e todos conformes na resolução, da qual entendiaõ serem justissimas as causas, posto que nellas fossem partes os mesmos, que se determinaraõ a ser Juizes.

Dispostas as cousas conducentes a tão estranha empreza, a executaraõ com mayor facilidade da com que a resolveraõ. Sahia o Governador de Palácio ao seu passeio, bem fóra de imaginar o que lhe havia de acontecer, posto que o podera presumir, assim por lhe não ser occulto o justo odio, que todos lhe tinhaõ, como porque a sua propria consciencia o devia accusar; e chegando a elle o Juiz ordinário André de Barros Rego, lhe disse, que se desse por prezo; perguntoulhe o Governador alterado, quem tinha poder para o prender: respondeu o Juiz, que em nome delRey, a Nobreza, e Povo de Pernambuco; empunhou colerico o Governador a espada,

e fizeraõ o próprio huns criados, e Officiaes, que o acompanhavaõ, os quaes foraõ logo maltratados, e prezos pelas pessoas principaes, que em continente sahirã dos lugares em que estavaõ postos, sendo ajudados do Povo, que já se achava junto em grande numero.

O Juiz André de Barros Rego, com socego de animo ainda mayor, que a empreza, disse ao Governador Jeronymo de Mendoça Furtado, quando o vio pôr mão na espada, que se abstivesse daquelle impulso, porque se a chegasse a desembainhar, perderia a vida, sem que elle lha podesse defender daquelles moradores, que por tantas razoens lhe desejavaõ a morte, e por não poderem tolerar as offensas, que lhes fazia, se livravaõ do seu dominio por aquelle meyo, ainda que violento, esperando da rectidão do nosso Monarcha, e da lealdade, com que os Pernambucanos serviraõ sempre ao augmento da sua Real Coroa, restituindolhe aquellas Provincias, que lhe tinhaõ usurpadas os Hollandezes, veria as causas, que os obrigavaõ a eximirse de hum Governo, não menos tyrannico, que o dos Hereges. Deo-se o Governador por prezo e com as culpas, que lhe formaraõ, o remetteraõ para Lisboa.

A ousadia dos Pernambucanos servio muito a desgraça de Jeronymo de Mendoça, porque pouco tempo depois de chegado à Corte, foy posto em huma aspera prizão, por indicios de cumplice na traição de seu irmão Francisco de Mendoça Furtado, Alcaide môr de Mourão, que fugio para Castella, e foy degollado em estatua, confiscada para a Coroa a sua ilustríssima Casa, da qual pelo curso de muitos seculos em sucessivos tempos sahirã insignes Varoens em valor, fidelidade, serviço do Rey, e da Patria, fomos progenitores, de que este ultimo possuidor tinha degenerado. A Jeronymo de Mendoça não acharaõ prova para semelhante execuçaõ, e metido a tratos, negando o cargo, que se lhe fazia, foi por sentença condemnado a perpetua prizão em huma Fortaleza da India, onde morreo.”

AGRADECIMENTO

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio concedido às pesquisas do primeiro autor nestes últimos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. V. de; OLIVEIRA, M. A. B. de; MEUNIER, I. M. J. Animais e plantas do horto zoo-botânico do palácio de Friburgo (1639-1645) construído por Maurício de Nassau no Recife. *Filosofia e História da Biologia*, São Paulo, v. 6, n. 1, 2011, p. 19-35.

AMES, G. J. Colbert's Indian Ocean strategy of 1664-1674: a reappraisal. *French Historical Studies*, Durham, v. 16, n. 3, 1990, p. 536-559.

ANÔNIMO. Informação geral da Capitania de Pernambuco. *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 117-496, 1908.

BARLAEUS, C. *Rervm per octennivm in Brasilia et alibi gestarum, sub praefectura illustrissimi comitis I. Maurittii Nassaviae &c. Comitiss, Historia. Editio secunda, cui accesserunt Gulielmi Pisonis medici amstelaedamensis Tractatvs 1. De Aeribus, aquis et locis in Brasilia. 2. De Arundine saccharifera. 3. De Melle silvestri. 4. De Radice altili Mandihoca.* Ex Officinâ Tobiae Silverling, Clivis [= Cleves], 1660.

BARO, R. Relation dv Voyage de Rovlox Baro, interprete et ambassadevr ordinaire de la Compagnie des Indes d'Occident, de la part des illustrissimes Seigneurs des Provinces Vnies au pays des Tapuiés dans la terre ferme du Brasil. Commencé le troisisme Avril 1647. & finy le quatorziesme Iuillet de la mesme année. Traduit de l'Hollandois en François par Pierre Moreav de Paray en Charolois. In: COURBÉ, A. (Org.). *Relations veritables et cvrieuses de l'isle de Madagascar, et dv Bresil. Auec l'Histoire de la derniere Guerre faite au Brasil, entre les Portugois & les Hollandois. Trois relations d'Egypte, & vne du Royaume de Perse.* Paris: Avgvstin Covrbé, 1651, pp. 195-246.

CARVALHO, A. *Phrases e palavras: problemas historico-etymologicos.* V. 1. J. Recife: W. de Medeiros & Cia., 1906.

CARVALHO, A. de. O marquês de Mondevergue em Pernambuco. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, Recife, v. 13, 1908, p. 630-642.

COURBÉ, A. (Org.) *Relations veritables et curieuses de l'isle de Madagascar, et du Bresil. Avec l'Histoire de la derniere Guerre faite au Brasil, entre les Portugois & les Hollandois. Trois relations d'Egypte, & vne du Royaume de Perse*. Paris: Avgvstin Covrbé, 1651.

DALGADO, S. R. *Glossário luso-asiático*. V. I. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919.

DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO. *Viaggio del P. Dionigi de' Carli da Piacenza, e del P. Michel Angelo de' Guatini da Reggio capuccini, predicatori, e missionarii apostolici nel Regno di Congo*. Reggio: Prospero Vedrotti, 1671.

DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO. *Viaggio del P. Dionigi de' Carli da Piacenza, e del P. Michel Angelo de' Guatini da Reggio capuccini, predicatori, e missionarii apostolici nel Regno di Congo*. Reggio: Prospero Vedrotti, 1672.

DONEAUD DU PLAN. *Histoire de la Compagnie française des Indes*. Paris: Baudoin, 1889.

GABRIELLI, C. M. M. *Capuchinhos bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GANDAVO, P. de M. *Historia da prouincia sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Ills. Sñor Dom Leonis Pra governador que foy de Malaca e das mais partes do Sul da India*. Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez, 1576.

GARCIA, R. Deposição de Jerônimo de Mendonça Furtado, Governador de Pernambuco – Ano de 1666. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 57, Rio de Janeiro, 1939, p. 112-142.

LAET, Ioannes de. *Historie ofte Iaerlijck Verhael van de Verrichtinghen der Geotroyeerde West-Indische Compagnie, zedert haer Begin tot het eynde van't jaer seshien-hondert, ses-en-dertich; begrepen in Derthien Boecken, ende met verscheydeden koperen Platen vertiert*. By Bonaventuer ende Abraham Elsevier, tot Leyden, 1644.

LORETO COUTO, D. *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*. V. 11. Coleção Recife. Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

[LOUIS XIV]. *Declarations du Roy, L'vne, portant établissement d'une Compagnie pour le Commerce des Indes Orientales. L'autre en faueur des Officiers de son Conseils & Cours Souveraines interessées en ladite Compagnie, & en celle des Indes Occidentales. Registrées en la Cour des Monnoyes le 17. Ianuier 1665*. Paris: Sebastien Cramoisy, et Sebastien Mabre-Cramoisy, Imprimeurs du Roy, & de la Cour des Monnoyes, 1665.

MARCGRAVE, G. Cap. XII. De Tapuiyarum moribus, & consuetudinis, è Relatione Iacobi Rabbi, qui aliquota annos inter illos vixerat. In: sua *Historiae rerum naturalium Brasiliae, libri octo...* Ioannes de Laet,

antuerpianus, in ordine digessit & annotationes addidit, multas & varias ab auctore omissa supplevit & illustravit. Franciscum Hackium & Lud. Elzevirium, Lugdun. Batavorum & Amstelodami, 1648, p. 279-282.

MARTIN DE NANTES. *Histoire de la mission du Père Martin de Nantes, prédicateur capucin.* Archives Générales de l'Ordre des Capucins: Rome, 1888.

MELLO, E. C. de. *A fronda dos mazombos, nobres contra mascates: Pernambuco 1666-1715.* Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

_____. *Rubro veio – o imaginário da restauração pernambucana.* 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, Rio de Janeiro, 1997.

MELLO, J. A. G. de. O Recife e os Arrecifes. *Revista do Arquivo Público*, n. 13, Recife, 1974.

MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO & DIONIGI CARLI DA PIACENZA. *Viaggio Del Padre Michael Angelo de Guattini da Reggio, et del P. Dionigi de Carli da Piacenza Capvcini, Predicatori, & Missionarij Apostolici nel Regno del Congo.* Bologna: Gioseffo Longhi, 1674.

_____. *Relation cvrievse et nouvelle d'un Voyage de Congo. Fait és années 1666. & 1667. Par les RR. PP. Michel Ange de Gattine, & Denys de Carli de Plaisance, Capucins & Missionaires Apostoliques audit Royaume du Congo.* Lyon: Thomas Amaulry, 1680.

_____. *Viaggio nel regno del Congo: Michelangelo Guattini, Dionigi Carli.* San Paolo: Cinisello Balsamo, 1997.

_____. *La mission au Kongo des pères Michelangelo Guattini & Dionigi Carli (1668).* Paris: Editions Chandeigne, 2006.

MONTAGNE, C. *Histoire de la Compagnie des Indes.* Paris: Librairie Émile Bouillon, Éditeurs, 1899.

MORISOT, (-). Remarques dv Sievr Morisot sur le voyage de Rouloux Baro, au pays des Tapuies. In: COURBÉ, A. (Org.). *Relations veritables et cvrievses de l'isle de Madagascar, et dv Bresil. Auec l'Histoire de la dernière Guerre faite au Brasil, entre les Portugais & les Hollandois. Trois relations d'Egypte, & vne du Royaume de Perse.* Paris: Avgvstin Covrbé, 1651, p. 247-307.

PAPAVERO, N. & TEIXEIRA, D. M. *Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1649-1703). Habitantes, costumes, escravidão, comércio, matéria médica, flora e fauna do Brasil seiscentista.* São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PEREIRA DA COSTA, F. A. *Anais pernambucanos 1635-1665.* V. III. Recife: Arquivo Público Estadual.

ROCHA PITTA, S. da. *Historia da America Portuguesa: desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, ate o anno de mil setecentos e vinte e quatro*. Lisboa Ocidental: Oficina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1730.

ROCHON, A.-M. *Voyage a Madagascar et aux Indes Orientales*. Paris: Prault, Imprimeur du Roi, 1791.

RODRIGUES, L. B. Trad. Pierre Moreaux e Roulox Baro. *História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e Relação da Viagem ao país dos tapuias*. Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo & Livraria Itatiaia Editora, 1979.

SILVA, L. D. A corte dos reis do Congo e os maracatus do Recife. *Ciência & Trópico*, v. 27, n. 2, Recife, 1999, p. 363-384.

SOTTAS, J. *Histoire de la Compagnie Royale des Indes Orientales, 1664-1719*. Paris: Plon, Nourrit & Cie., 1905.

SOUCHU DE RENNEFORT, U. *Histoire des Indes Orientales*. Paris: Arnoul Seneuze & Daniel Hortemels, 1688a.

_____. *Histoire des Indes Orientales*. Leide [=Leyden]: Frederick Haring, 1688b.

_____. *Histoire des Indes Orientales*. Seconde edition. La Haye [=Haia]: Adrian Moetjens, 1701.

TEIXEIRA, D. M. & PAPAVERO, N. Os animais do Descobrimento: a fauna brasileira mencionada nos documentos relativos à viagem de Pedro Álvares Cabral (1500-1501). *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 111, Rio de Janeiro, 2006, pp. 1-136.

VINGBOONS, Jan. *Caerte van de haven van Pharnambocque*. Kaartcollectie Buitenland Leupe van het Nationaal Archief, Den Haag, 1665.

WEBER, H. *La Compagnie Française des Indes (1604-1875)*. Avec une preface de M. Émile Levasseur. Paris: Authur Rousseau, Éditeur, 1904.

